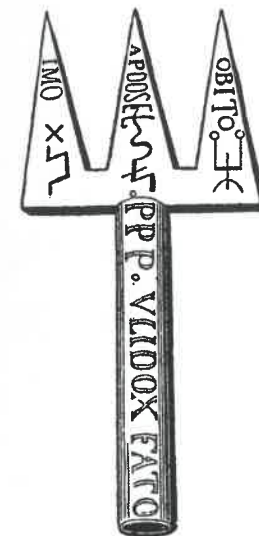
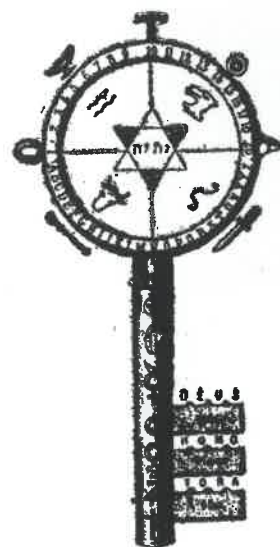
Traçado simultaneamente nos caminhos da Pajelança Cabocla e da Magia Cabalística, este opúsculo constitui, a todos e todas que tiverem "olhos para ver e ouvidos para ouvir", uma verdadeira Iniciação nos Mistérios Menores da Mestria de Jurema. Bebendo das Águas da Fonte da Família Jurema de Reis, realizando pesquisas bibliográficas, entrevistas com anciãos e intercursos com entidades espirituais, o pesquisador e juremeiro Rômulo Angélico gerou este trabalho - apresentando-nos aspectos da história e da Ciência de sua própria Rama de Jurema, analisando e comentando velhas e equivocadas concepções sobre o Catimbó e levantando corajosamente o véu que encobre a realidade sobre um fantasma que há séculos escraviza nosso povo.

O LIVRO DO CATIMBOZEIRO MESTRE

RÔMULO ANGÉLICO

RÔMULO ANGÉLICO

O LIVRO
DO
CATIMBOZEIRO MESTRE

EDIÇÃO DO AUTOR

[Rômulo Angélico] **O LIVRO DO CATIMBOZEIRO MESTRE**

Edição do autor

Natal [Rio Grande do Norte, Brasil] [Abril de 2024]

Primeira edição | 200 exemplares

Casa da Cópia

Edição, revisão, projeto gráfico e elaboração da capa: Rômulo Angélico.

A concepção desta obra é voluntária e soberanamente incompatível com algumas regras defendidas pelos gramáticos.

Contatos com o autor:

@romulo_guyrauna (Instagram)

@romulo.guyrauna (TikTok)

Arqueologia do Sagrado (YouTube)

enquanto o mal por si só se destruiu. SÓ A LUZ É ETERNA, SÓ O AMOR É REAL. E Tu és LUZ. Porém, estás esquecido disto.

Recobra tua Consciência Divina, entra em sintonia com o Universo, valorizando o Deus que pulsa dentro de ti e de todos os seres – estejam geograficamente distantes ou próximos. Acorda! O tempo na Terra é curto e ainda temos muito para fazer.

Que nosso senhor Jesus Cristo te abençoe!

Que o Pai Jurupari esteja contigo e com os teus.

Que a Mãe Divina e todas as suas manifestações de Amor da Natureza envolvam tua geração.

Que nossa amada Jurema Santa e Sagrada te cubra de Luz, Ciência e Amor – e que esta mesma Luz, Ciência e Amor que volte ao meu lado e ao povo de minha Aldeia!

Manicoré R+

ÍNDICE

Raimundo Tavares foi um dos grandes Mestres de Catimbó-Jurema do Rio Grande do Norte, de duas gerações antes da nossa. As sessões que dirigia possuíam, além de Jurema, elementos de Pajelança do Norte do Brasil e de feitiçaria e encantaria ibéricas. Filho do Mestre José Tavares, Pai Raimundo também trabalhava na Umbanda e no Candomblé (imagem cedida pela mestra Maria Fernandes).

Estude a Árvore cabalística da Vida e compreenda: existe Justiça! Existe Misericórdia! Existe AMOR e SABEDORIA! E existe o que transcende nossa atual capacidade de entendimento.

Não esqueça que o diabo é Deus ao inverso: se Deus é onipotente, o diabo é impotente; se o Criador é onisciente, o diabo é incapaz de tudo saber; se DEUS É A ORIGEM DE TUDO E DO TODO, o diabo não origina ou gera ou cria coisa alguma, consequentemente é um ser impotente e inexistente. Deus Existe. O Diabo inexiste.

O "Rei dos Infernos" é um fantasma gerado pelas dúvidas e pelos temores humanos perante o (então apresentado de modo assombroso) abismo do desconhecido. Iniciados decadentes com finalidades ególatras adulteraram ritos e macularam manifestações exteriores do Grande Arcano. Com o tempo, muitas chaves foram perdidas ou escondidas para não serem profanadas; e as mentiras e reflexões equivocadas sobre o que não mais se compreendia geraram medo; e do medo nasceram milhares de fantasmas que até hoje alimentam a escravidão.

Uma vez sustentados por tua cultura, por teu sangue, por teu sêmen, por tua inocência, ignorância ou perversidade – uma vez revigorados por teu MEDO – tais fantasmas adquirem forças para te escravizar e arrastar para o Abismo. A vida virtual que possuem permanece sugando tua vitalidade.

Não permita que tua Luz seja ofuscada por essa categoria de formas pensamento. Também não se submeta a entidades cruéis que roubam tuas energias para ficarem mais próximas da esfera dos encarnados, prejudicando pessoas. Os conhecimentos que esses entes te oferecem são NADA em comparação à conquista da GNOSE e a SANTA CABALA, a JUREMA SAGRADA, a TUYABAÉ KUAÁ, a VIDA ETERNA a que estamos destinados porque já coexistimos com a Divindade. Seja forte! Tenha Fé!

Tu és imagem e semelhança de Deus. Em realidade, estás muito acima dessas formas e visões ilusórias, limitadas, limitadoras e rivais que há séculos voltam pessoas umas contra as outras. Portanto, se demandarem contra ti, não revides com arma semelhante à do agressor! Se te lançam malefícios, responde com bênçãos e orações. Contra-ataque com cura! Bloqueie a ação da maldade, desfaça a ignorância e abençoe e isso basta – nessa guerra que em essência não existe, o Bem desde sempre é vencedor,

CONCLUSÃO

Mestre de Jurema Encantado não bebe sangue, não "receita" banho de sangue, nem exige sacrifícios de animais de quatro patas ou de duas patas, ou de bicho que rasteje, ou de qualquer outro animal.

Chegará o dia em que até a carne dos animais menores estará longe de nossas mesas.

Mestre juremeiro respeita o repouso dos mortos e reverencia o processo de desagregação e reabsorção ao qual estão sujeitos os restos mortais dos seres humanos – essa transição que neste Planeta chamamos "morte". O Mestre respeita e ama a Mãe Terra! Por isso, não invade cemitérios à procura de cadáveres para realizar trabalhos escusos ou para qualquer outro fim – quem receitar ou pedir tais coisas (afirmando ser juremeiro ou Mestre de Jurema), ou está sendo enganado ou enganando! Fiquem atentos, meus filhos e filhas! Eis um importante alerta!

Houve época em que muitas coisas estavam misturadas, embaralhadas, muito mais do que estão hoje. A ignorância humana nos obriga a ladear o mal – embora sem compactuar com ele.

Ora, em uma mesma família, nascem e convivem um bom e um mau filho. Se Deus os separasse, se o Criador, por exemplo, colocasse as pessoas boas em um país e as más em outro, através de quais exemplos e sacrifícios e intercessões os desorientados e vazios tornar-se-iam fortes e iluminados? Com a ajuda de quais professores a ignorância seria superada? Subsistiria um mundo no qual só existissem maldosos e viciados?

Iurupari, Badzé, Krishna, Jesus – O Cristo veio ao mundo em forma de homem, manifestando Luz, mas as trevas não O compreenderam. Mesmo assim, Sua Presença continua Iluminando o Planeta. E as trevas daqui se esvaem.

Entenda meu querido Irmão, minha querida Irmã: em níveis mais elevados de existência e compreensão, o que chamamos "mal" não existe. Neste mundo, entretanto, o mal se torna muito sensível – embora não passe de uma grande e superável ilusão, uma criação transitória e limitada.

INTRODUÇÃO

O principal objetivo deste trabalho é apresentar aos interessados e interessadas na Tradição conhecida como: "Catimbó", "Jurema", "Jurema Sagrada", "Catimbó-Jurema" e "Culto aos Senhores Mestres", um pouco do resultado de minhas pesquisas antropológicas, historiográficas e esotéricas sobre o assunto.

Seu segundo desígnio é transmitir, a investigadores e espiritualistas, sejam juremeiros(as) ou não, um pouco da Ciência proveniente da família Jurema de Reis do Mestre Emanuel Germano – Rama juremeira dirigida, atualmente, pelo autor deste opúsculo. Neste sentido este também é um livro de doutrinas.

Desde já deixo claro que nenhum catimbozeiro ou ocultista é obrigado a concordar ou acreditar no que a partir de agora ensinarei. Porém, aqueles e aquelas que estiverem sob minha orientação e que tenham me aceitado como mestre ou padrinho, têm a obrigação de, ao menos, refletir sobre o que seguirá sendo exposto.

Minhas investigações, iniciadas despretensiosamente em meados de 2005 no município de Canguaretama (litoral sul do Rio Grande do Norte), têm sido um contínuo de vivências em centros, terreiros e comunidades indígenas; de entrevistas com mestres, mestras, yalorixás e babalorixás; acrescidas de constantes leituras e perquirições de ordem espiritual.

Venho constatando que o Catimbó-Jurema é indiscutivelmente um culto (ou antes uma religião) de matriz indígena – relatos do início do período colonial, muito anteriores ao estabelecimento do Cristianismo ou do Candomblé em terras brasileiras, não nos permitem duvidar que os índios do Nordeste possuíam conjuntos de mitos e ritos riquíssimos, antiquíssimos, assim como detinham uma série de crenças, conhecimentos e práticas mágico medicinais que os conectavam à Essência e aos Reinos da Mãe Natureza. A Jurema têm sido a Coluna em torno da qual toda a Magia do Catimbó contemporâneo orbita.

Parte considerável da subjetividade, da magia, do misticismo e das medicinas de nativos primevos, permanece viva em cultos indígenas e caboclos espalhados pelo território brasileiro. No caso, aqui me refiro, como já foi dito, ao Catimbó dos Senhores Mestres e Caboclos juremeiros – cujas remotas origens a historiografia acadêmica ainda não conseguiu abordar com clareza.

Em seus ritos, nativos das nações Tarairiú, Chumimy e Potiguara, por exemplo, cultuavam os astros, evocavam espíritos da floresta, entravam em estado de transe mediúnico, reverenciavam divindades, fumavam Tabaco e bebiam Jurema – o Chá Sagrado preparado à base dessa Planta Mestra (com as raízes e cascas do tronco de vegetais popularmente conhecidas como "Jurema Preta" e "Jurema Branca"), mediante os Mistérios do qual guerreiros e pajés caminhavam, espiritualmente, entre mundos cujas configurações, entradas e saídas, somente os Pajés e os Mestres conhecem.

Meio milênio de colonização, período marcado por proibições, perseguições e assassinatos de milhares de índios e pela destruição de suas respectivas culturas, não foi o bastante para destruir este universo das crenças e práticas nativas. Indivíduos de nações indígenas distintas foram catequizados, misturados, separados, aldeados, escravizados; pajés foram perseguidos e trucidados – seus sobreviventes heroicamente resistiram como puderam, mantendo vivas, embora fragmentadas, tradições e estruturas de fé; enquanto outros seres humanos escravizados chegaram da África (zelando, também, por suas próprias concepções de espiritualidade) para conviver mais ou menos próximos de índios e caboclos cativos. Vieram, ainda, à região Nordeste do Brasil, ao longo de séculos, piratas espanhóis e franceses, protestantes holandeses, cristãos-novos recém-convertidos ao catolicismo romano, bruxas expatriadas, feiticeiros degredados, padres e freiras heréticos, cabalistas sefaraditas...

A Jurema Santa e Sagrada os acolheu – tornando *encantados* os padres e beatas, os negros quimbandeiros, as bruxas feiticeiras e os judeus cabalistas. Todos foram levados ao Tronco da Jurema e até hoje habitam os Reinos, Cidades e Aldeias do Juremá – do Vajucá às Cidades Santas – e de lá provém para nos socorrer e orientar sempre que necessitamos. Os elementos estrangeiros e suas Ciências foram assimilados pela Jurema: negros, brancos, mamelucos, cafuzos, foram reunidos sob as ramagens de uma mesma única Mãe – que a todos e todas tornou *caboclos*.

Sobrevivendo a esse gigantesco e sanguinário caldeamento que foi parte da colonização do Brasil, permaneceram vivos, sob o *mote* "Catimbó-Jurema", elementos materiais e imateriais ameríndios herdados por comunidades caboclas das zonas rurais e urbanas, assim como por mestres juremeiros solitários – foram mantidos muitas vezes fundidos a catolicismos populares e macumbas africanas, além de magias e feitiçarias europeias, de modo que o Catimbó contemporâneo expressa, dentre outras coisas, a Força da União dos oprimidos e perseguidos pela colonização.

povos os chamem), são Forças Luminosas da Natureza. Só o Grande Espírito, Munhangara, DEUS, Jeová, o Criador de Todas as coisas, é que deve ser adorado.

Entre os espíritos não-encarnados, manifestam-se em sessões de Jurema, ainda que muito mais raramente, entidades espirituais de outras esferas planetárias que atuam em consonância ou sobre a Terra.

Quanto aos **Mestres Humanos Encantados**... ficarão para um próximo estudo!

Espero ter sido compreendido. Apenas quero lembrar, para finalizar esta sessão de Ciência, que Mestres não são cascas astrais, vampiros astrais ou formas pensamento que vagam na atmosfera psíquica de terreiros e centros (sendo vez em quando revitalizadas energeticamente por médiuns; ou maliciosamente manipuladas por espíritos perversos). É preciso desenvolver a capacidade de identificar e diferenciar o que realmente é uma consciência espiritual daquilo que não passa de restos astrais e mentais de entes desencarnados. Além de ser lícito questionar (com respeito, seriedade e firmeza) supostos espíritos que se manifestem em nossas casas de trabalho, mais importante que questionamentos é que oremos pedindo a Deus que nos conceda o Dom do DISCERNIMENTO DOS ESPÍRITOS (um dos Dons do Espírito Santo) para que possamos sentir realmente o que é e o que não é; e que nos esforcemos para alcançar o apoio dos CABOCLOS E MESTRES DO JUREMAL.

Salve a Jurema Santa e Sagrada!

Mestres em corpo físico quando em expiação ou missão sobre a Terra, nascido homem ou mulher. O termo "mestre" também é funcionalmente utilizado para classificar aquele que exerce o sacerdócio na Tradição.

Mestres desencarnados são espíritos de catimbozeiros que passaram pela experiência de morte e ainda não reencarnaram – mas que mantém contatos psíquicos e/ou mediúnicos com determinadas pessoas. Essas entidades – os Mestres – possuem graus de consciência distintos, sendo uns mais conscientemente emancipados que outros, devendo o médium ou o mago que com eles trabalha saber lidar com TODOS – respeitosa, séria e amavelmente, sendo capaz de instruir e orientar algumas dessas entidades SEMPRE EM DIREÇÃO AO BEM.

Entre os desencarnados que atuam na Linha de Jurema, encontram-se, além de finados mestres catimbozeiros e juremeiros, raizeiros, rezadores, cangaceiros, parteiras, feiticeiros, boiadeiros, caboclos, médicos, padres, freiras, ciganos, pretos e pretas velhas – espíritos que, de algum modo, quando em corpo físico, devido a cultura e à região na qual viveram, estabeleceram contatos e aprenderam com a Jurema Sagrada e após o desencarne ingressaram em nossas falanges.

Mestres não-encarnados são espíritos que pertencem a linhas evolutivas paralelas à humana, mas que nunca nascerão ou ainda não nasceram como homens e mulheres. Nesse grupo encontram-se entidades elementais e Guardiões da Floresta muito antigos e com vasta sabedoria (devas, anjos da Natureza, guardiões da fauna e da flora... as diversas Tradições lhes atribuem vários nomes).

Esses grandes e antigos espíritos não devem ser confundidos com outros seres astrais ligados aos quatro elementos da Mãe Natureza (silfos, ondinas, salamandras e gnomos), que em sua maioria são livres das noções de bem e mal que nós possuímos e experimentamos. Tais elementais "menores" podem ser ordenados tanto para curar quanto para prejudicar – de acordo com a Vontade e a Ciência do mestre, mago ou pajé que os manipule. Justamente por sua inocência, esses amáveis seres não acumulam carma como os seres humanos: esteja ciente o feiticeiro que deles abusar, que pagará caro pelos crimes que vier a cometer desvirtuando tão lindos e puros espíritos.

Tanto pequenos como Grandes guardiões da Natureza devem ser tratados com muito respeito, amor, firmeza e reverência, mas não com adoração: Devas são professores que acompanham o peregrinar humano – não são Deuses (embora assim muitos

Até que provem o contrário, permanece a Jurema uma Tradição ancestral (talvez a mais antiga do Nordeste brasileiro e uma das mais vetustas do Brasil) de matriz indígena – cujo corpo admite trajes e elementos ibéricos e africanos, mas o Espírito permanece ameraba. O beber Jurema, a fumaçada que cura ou que mata, a evocação e a invocação de seres não-humanos que habitam lugares secretos da Natureza e do Espaço, se encontram vivos e pulsantes em nosso povo.

Apresento-lhes, portanto, um pouco de meus estudos e vivências no mundo dos catimbozeiros e dos espíritos do Encanto, dos Seres da Floresta, das Forças da Natureza; além de algo da Ciência conquistada ao longo de anos de intenso labor entre índios e caboclos e da leitura dedicada de centenas de textos e livros: eis O LIVRO DO CATIMBOZEIRO MESTRE.

* * *

Este livro está dividido em cinco partes. Iniciarei com uma homenagem ao Pai Raimundo Tavares e à Mestra Maria Fernandes, ambos muito importantes em minha caminhada como aprendiz e pesquisador e, consequentemente, importantíssimos à formação da Família Jurema de Reis do Mestre Emanuel Germano.

Na sequência virá o primeiro capítulo – que trata da história do Mestre Emanuel Germano: um antigo espírito cultuado nas mesas e giras de Jurema, um Rei, que habita no Astral, ou melhor, no Juremal, um lugar sagrado chamado "Serra do Mestre Emanuel Germano".

No segundo capítulo tratarei da presença do Diabo nos cultos à Jurema. Direi algo sobre como essa entidade de origem judaico-cristã pôde ter se tornado tão presente, em universos e imaginários que originalmente sequer possuíam algo semelhante ao Inferno e ao Diabo propagado pelas igrejas. Tratarei essa questão através de abordagens exotérica e esotérica, conforme investigações realizadas.

No capítulo terceiro apresentarei um levantamento de textos de autores diversos, escritores cujas opiniões sobre Catimbó nem sempre são positivas ou neutras – escritos presentes em livros publicados há décadas e atualmente quase esquecidos. Selecionei fragmentos dos mesmos considerando-os importantes à construção de uma historiografia das visões referentes aos cultos à Jurema. Não deixei de comentá-los, acrescentando, em negrito, críticas que acredito esclarecerão determinados trechos obscuros presentes nos mesmos.

Encerrarei com um quarto capítulo, doutrinário, em que abordarei aspectos do Catimbó-Jurema conforme vivenciados na Tradição da Casa Jurema de Reis do Mestre Emanuel Germano.

Desejo a todos e todas uma ótima leitura, plena de reflexões e críticas construtivas.

Natal, abril de 2024.

Rômulo Henrique Pereira Angélico

Pai Raimundo Tavares trabalhando com Vampiros

(imagem cedida pela mestra Maria Fernandes)

Vamos ao exercício:

Usando preferencialmente roupas brancas e com toda Fé e Confiança de teu coração, trace um hexagrama na terra. Uma das pontas da estrela deve estar voltada para o Nascente (leste).

Ao nascer do Sol, entra no hexagrama (Signo Salomão) e, de frente para o Sol Nascente, respira profunda e vagarosamente. Deixa que o Avô Sol te abençoe e purifique. Passe de quatro a cinco minutos nessa frequência, agradeça, e saia da estrela.

Esse é um método simples para defesa, limpeza e fortalecimento dos corpos, que pode ser utilizado por você – seja catimbozeiro ou não.

Vejamos outra prática:

Trace do mesmo modo o Signo Salomão, envolvendo-o, desta vez, com um círculo. Acenda, se possível, na ponta voltada para o Nascente, uma vela branca. Se agache. Agachado, envolva o ambiente com a fumaça de teu cachimbo. Fumaçando, ergue teu corpo, pisa forte, com teu pé direito, pensando ou pronunciando firmemente: **LUZ**.

Após purificar-se, se for o caso, coloca o irmão ou irmã necessitada dentro do círculo, no centro da estrela – de modo que ele ou ela abra os braços em forma de cruz, observando o Sol Nascente, respirando vagarosa e profundamente por alguns minutos. Enquanto isso, do lado de fora do signo, estando agachado, aplica fumaça de cachimbo na direção dos pés de teu irmão ou irmã, pensando firmemente na palavra **CURA**. Ergue teu corpo, pisa forte, pensa ou pronuncia: **LUZ**.

A mistura utilizada no cachimbo pode ser a seguinte: Tabaco, Amescla, Alfazema, Erva Doce e folhas ou sementes de Girassol.

Que a sagrada Fumaça de Mato purifique e fortaleça nossos corpos, nossas almas e nossas mentes! Seja grato e confiante! CAMINHE!

AFINAL DE CONTAS, QUEM SÃO OS MESTRES?

Para que não sobrem dúvidas a respeito de quem são os Mestres e Mestras espirituais que atuam em nossa Tradição, nos apresentaremos de modo simples e didático.

Os Mestres e Mestras são consciências espirituais que podem estar em corpo físico (encarnadas) ou desencarnadas ("mortas"); não-encarnadas e ainda encantadas.

TRABALHOS DE LIMPEZA E PROTEÇÃO

Irmão ou Irmã, tu que estás começando a adentrar a Ciência de nossa Sagrada Jurema, presta bastante atenção nos recados que seguem:

É preciso vencer o medo. A imaginação assume formas medonhas quando se sente medo, de modo que a maioria dos fantasmas que vemos é, em realidade, criação mental nossa.

Imagens mentais podem ser aproveitadas por entidades espirituais que para isso tenham ciência, seja para uma ou outra finalidade. E o medo, nesses casos, novamente contribui com nossa debilidade.

Solidifica tua Fé na Força e no amor do Criador e nada temas.

Direciona tua vontade para a realização do Amor mais amplo possível e não tenha medo. Deus está contigo em todos os momentos de tua vida e, como sempre dizem os Mestres, "ninguém pode mais do quê Deus".

Tu és Imagem e Semelhança do Criador. Então... Por que ter medo?

Sigamos com mais uma prática, desta vez para limpeza energética e proteção. Saiba, de antemão, que tu podes realizar diversas limpezas e purificações tanto de teus corpos quanto do ambiente em que tu vives – mas se você não elevar tua moral, se não superar teus próprios limites e defeitos, se tu não empunhares com firmeza a lança da Suprema Vontade que te conduzirá a uma vida equilibrada, as defumações e os banhos não surtirão tanto efeito.

A mais profunda limpeza a ser realizada é a interior. Essa, só tua Vontade e teu Amor são capazes de dar. Alimentos sãos, defumações, banhos especiais poderão em muito te ajudar, mas você é o único que poderá transformar radicalmente a si mesmo.

O Evangelho ensina que Jesus bate à porta de teu coração e aguarda pacientemente que você abra essa porta para que Ele entre e possa cear com você. Entretanto, somente a você cabe abrir a porta... Antes que o inimigo oculto quebre as trancas e obscureça tuas virtudes.

Se após as limpezas externas não te empenhares em transmutar os metais inferiores, em breve os maus pensamentos agregarão ao teu redor uma nova casta de parasitas e em pouco tempo terás retornado à imundície.

HOMENAGEM AO PAI RAIMUNDO TAVARES E À SUA FILHA DE FÉ – A MESTRA MARIA FERNANDES

Maria Fernandes Bezerra da Silva nasceu em 1939 na comunidade de Santo Antônio dos Barreiros (São Gonçalo do Amarante, Rio Grande do Norte). Junto com seu marido – o senhor Sebastião – a família de Maria Fernandes sobrevive da pega de caranguejo. Aos 35 anos, vítima de um feitiço jogado por sua cunhada, desenganada pelos médicos e orientada por um deles a procurar o Espiritismo, Maria Fernandes foi tratada pelo **Pai Raimundo Tavares**, filho do **Mestre José Tavares**. Pai e filho trabalhavam tanto no Candomblé quanto na Jurema (uma Jurema com traços marcantes de Pajelança do Norte do Brasil e Encantaria Ibérica). Raimundo Tavares descobriu que a única maneira de evitar que Maria Fernandes morresse, era desenvolver sua mediunidade. E nesse sentido trabalharam até que, próxima dos 55 anos, Fernandes abriu em Canguaretama o **Centro Espírita de Umbanda Caboclo Zé Pelintra e Caboclo Panema**, na Rua do Porto.

Atualmente, dona Maria lamenta estar sem trabalhar na espiritualidade – seu centro ficava perto da maré e o avanço das águas ameaçava derrubá-lo, o que fez com que a prefeitura de Canguretama o destruísse e desse à mestra uma nova casa na qual infelizmente não existe espaço para a realização dos cultos e sessões.

Meu primeiro contato com Maria Fernandes ocorreu no dia 17/01/2008 – por indicação de outra mestra Canguaretamense (**Maria Ivonete da Silva Santana**, então dirigente do **Centro Mestre Pena Branca e Estrela do Mar**, localizado na Rua do Quadro). A partir daquela data passei a visitar Maria Fernandes com frequência e, de nossos encontros, nasceu uma verdadeira relação Mestra-Discípulo.

Segundo Maria Fernandes, entre as décadas de 1960 e 1970, o Pai Raimundo Tavares vivia em Macaíba (embora fosse natural de Jacaraú, outro distrito de São Gonçalo do Amarante, comunidade cabocla mais antiga que o próprio município). Seu pai, José Tavares (que quando vivo conviveu e foi muito amigo do **Mestre José Pelintra**) a princípio não queria que o filho trabalhasse na Jurema. Raimundo, porém, ainda adolescente, abria mesas escondido nas matas com a ajuda de um irmão ou amigo. Descoberto pelo pai, o jovem foi doutrinado, tornando-se um mestre capaz de trabalhar com os mais fortes e antigos Mestres espirituais do Catimbó: Mestre Carlos, Manicoré, Roldão de Oliveira da Cruz, Maria do Acais, Andilina Caipora, Joana Pé de

Chita, etc. – mas também trabalhava com almas de bruxas, vampiros, fadas e dragões. Durante anos, Raimundo Tavares foi catimbozeiro forte, manifestando-se nas "direitas" e nas "esquerdas" (conforme o linguajar comum de muitos catimbozeiros, ele praticava, magicamente, tanto o bem quanto o mal) até que, certo dia, arrependido dos malefícios que havia realizado, prometeu a São Francisco de Assis que lidaria apenas com o bem – assim seguindo até o fim de sua vida.

O Mestre Raimundo Tavares, certa vez, "arriou na matéria" de sua mais querida filha – a mestra Maria Fernandes – afirmando que em breve retornaria e começaria a trabalhar nas sessões (nas mesas de Jurema). E assim nós o aguardamos.

Texto adaptado de minha monografia de especialização em Ciências da Religião: **O MAIS FORTE AQUI É A JUREMA: a umbanda no imaginário de juremeiros de Canguaretama. (UERN),** 2009. p. 114-115.

Maria Fernandes trabalhando com o Mestre Tertuliano

(imagem cedida por Maria Fernandes)

Podemos conjugar nossa Fé em trabalhos cerimoniais, com objetivos determinados. Porém, trabalhando sozinho, o juremeiro conta com o auxílio de outros entes – os espíritos das plantas e dos quatro elementos, todos desejosos de servir e contribuir com o Trabalho Supremo.

Conta com Deus, primeiramente. Conta com os Mestres e Mestras, desencarnados, trabalhadores, também plenos de Fé. Conta com a boa vontade e obediência dos seres elementais que te instruem e auxiliam – você pode receber apoio dos seres encantados e, se você realmente for Mago ou Pajé, terá capacidade de ordenar aos espíritos do Fogo, do Ar, da Terra e da Água e essas lindas entidades te obedecerão e serão ainda mais felizes.

Nossos pensamentos, bem orientados e alimentados espiritualmente, transformarão nossas auras em escudos potentíssimos. Na Luz que brilhará de nosso Ser, conscientemente tornado TEMPLO DO ESPÍRITO SANTO, muita gente poderá vir saciar sua sede, inclusive espíritos necessitados de cura. Nesses casos, quanto mais doarmos, mais nos será dado.

A cura desses seres repercutirá em tua evolução de modo que, avançando em direção ao Amor mais Elevado, diversas entidades ascenderão junto contigo e a face da Terra será transformada.

Cuida de teu corpo, de tua alma e de tua mente.

Tem Fé no Criador, no Gerador de todos os entes – no Princípio dos Princípios, Pai-Mãe de todas as coisas visíveis e invisíveis – e acredita em ti mesmo, em teu potencial, em tua capacidade de curar a si e aos demais.

Confia na Jurema, amado Irmão, amada Irmã... confia E SEGUE TEU CAMINHO.

Tenha Fé, tenha fé, tenha fé...
Suba a ladeira e não olhe pra trás...
Pois de manhã, quando eu desço a ladeira...
Todos pensam que eu vou trabalhar...
Mas eu trago meu baralho no bolso,
Meu patuá no pescoço...
E vou pra Macumba sambar!

Procura sentir a Divina Presença bem próxima de ti. Mantém a mente serena, a respiração suave, o corpo relaxado. Não tenha pressa. Liberte-se da noção de tempo.

Senta e fica em silêncio. Apenas sinta – exercite o sentir interior, deixando que a Presença de Deus te envolva por completo. Sente o Criador dentro e fora de ti... E sê feliz!

FÉ

Fé é Substância Divina.

A oração desperta a Fé, movendo-a, intensificando-a ao infinito. A oração, as rezas, as preces e o servir são formas de alimentar a Fé.

Essa Substância que Deus depositou em nós, brota, cresce, floresce e frutifica a ponto de jorrar de nosso Ser em torrentes de Luz.

A Substância FÉ, de nosso mais íntimo ser, envolve partícula por partícula de nossos corpos, ultrapassando os limites de nosso organismo, envolvendo e progressivamente transmutando o ambiente que nos circunda.

A Fé contribui com o alicerçar de nossa caminhada sobre a Terra, fazendo mais firmes nossos passos, reduzindo as dores causadas pelas pedras que descalços pisamos. Ela nos ajuda a extrair de cada machucado, uma lição e um aprendizado.

A Fé é a Saúde da Alma.

Sem Fé, não existe Magia. Sem Fé, instrumentos mágicos são objetos inúteis; imposições de mãos são pouco mais que toques e trocas de calor – e a fumaça fica limitada à ação química de suas partículas atômicas de repercussão limitada.

A Fé dinamiza o Pensamento.

Conjuga tua Fé com a Fé de teu Mestre ou Mestra e terás a prova do que digo – do alto grau das transformações que ocorrerão em tua vida. Conjuga tua Fé com a Fé dos necessitados que te procuram e sentirás o potencial do trabalho em equipe.

Há mestres e pajés que curam através do pensamento, com imaginação firme. Há outros que apenas rezam sobre os adoentados... Mas se não acreditarem no que fazem e em quem buscam apoio, pensar, cantar e rezar serão semelhantes a atos mecânicos.

Capítulo I

A HISTÓRIA DO MESTRE EMANUEL GERMANO

Na segunda metade do século XIX, por volta de 1860, chegava ao Brasil um casal português, neto de cristãos novos: Antônio Maurício Pereira Germano e Maria de Salomão.

Antônio Germano, tornado coxo após ter sofrido um acidente durante treinamento bélico, e estando incapaz de servir às forças portuguesas, viera ao Império Brasileiro com sua companheira descansar das desventuras. Aqui fizeram morada e aqui permaneceram até os últimos dias de suas vidas.

Agraciado com uma pequena propriedade de terras, no interior do atual Rio Grande do Norte, entre o litoral e o sertão, Antônio Germano e sua esposa construíram uma casa humilde em volta da qual criavam gado. Próximos de suas terras viviam uns caboclos – na mais abjeta penúria, vitimados pela ganância de fazendeiros que os escorraçavam de um lado para outro. Dentre esses caboclos, um índio velho em pouco tempo se tornaria amigo do senhor Germano.

A interação entre os dois foi tamanha, a ponto de se tornarem praticamente irmãos.

Contou-lhe, o velho caboclo, diversas histórias de seu povo – como haviam muitas vezes sido enganados por fazendeiros, a ponto de não terem mais onde sossegar a cabeça; como perderam de vez a terra em que viveram seus ancestrais; lembranças de batalhas memoráveis, comandadas pelos grandes morubixabas Kanindé, Karakará e Janduí, narradas pelos mais antigos; ensinou-lhe palavras de velhos dialetos...

A fraternidade e o amor entre os dois cresceu, a tal ponto que Germano (com seus 30 anos de idade) passou a considerar o velho índio septuagenário como verdadeiro pai.

Certa noite, em volta de uma fogueira na qual Antônio Germano e o velho caboclo se aqueciam, preparando-se para mais uma caçada, Germano viu o venerável índio retirar da sacola um rolo de fumo.

– Vai pitar, cabôco? – Perguntou Germano.

– Não, meu filho. Isso aqui é pra Senhora da Mata – Respondeu o índio.

– Senhora da Mata? E ela mora aqui perto?

– Mora, sim. Ela mora aqui mesmo. É a dona disso tudo aqui onde a gente vive.

– Onde mora essa senhora, que em dez anos eu nunca a vi? E como pode ela ser dona das três fazendas que aqui há sem exigir de nossa parte qualquer prestação de contas?

Caboclo velho deu uma gargalhada e disse:

– Se tu quiseres conhecer essa Iara, logo mais eu te apresento.

– Quero, sim! Poucas são as mulheres de teu povo que vão em minha casa. Minha senhora ficará feliz em conhecê-la, já que se sente tão só.

Ao nascer do dia, Germano não percebeu que o velho caboclo deixou um pedaço de fumo dentro de uma cuité, no pé de uma Jurema Preta, antes de irem caçar. Seguiram por uma vereda, conversando:

– Muitas coisas o senhor me contou, Pai Índio. Eu também quero te dizer algo sobre meus ancestrais. Meus bisavôs foram perseguidos pela mesma Igreja que perseguiu os teus... E assim como obrigaram teu povo a aceitar o Messias na base do açoite, também fizeram isso com meus pais e avós.

– Eu sei como é isso, Germano... Tu carregas na face o sofrimento de teu povo.

– Eu guardo uma coisa, um segredo que gostaria de compartilhar contigo. Uma caixa antiga que pertenceu a meu bisavô e que meus pais a muito custo conseguiram preservar durante todo esse tempo.

A caixa era, em realidade, um baú no qual estavam guardados instrumentos, roupas e livros antigos – manuscritos de uma Ciência que havia sido proscrita por todas as igrejas. O bisavô de Antônio Germano foi um dos maiores cabalistas e magos que a Inquisição portuguesa deixou de conhecer.

Caçaram, dividiram a caça e voltaram para suas moradas. A essa altura, o caboclo velho vivia em uma oca, erguida nas terras de Germano, com dois filhos e uma neta.

No dia seguinte, pela manhã bem cedo, Germano convidou o velho índio ao desjejum. Leite de cabra, pão e queijo. Após o "café", Germano o chama ao quarto para mostrar-lhe o baú.

Acende teu cachimbo. Bebe tua Jurema.

Convida teus ancestrais a fumarem contigo.

Convida teus Mestres e Mestras, do menor ao maior. Chama teu Guia de Frente, teu Protetor, teu Auxiliador e teu Mestre Secreto. Entra, com eles, em sagrada comunhão. E canta ou (ora no ritmo de teu Ser):

Ô, Pai Tupã,
Ô, Pai Tupã,
Dai-nos teu Amor,
Dai-nos teu Amor...

Ô, Tupã Rub,
Ô, Tupã Rub,
E'me'eng né Rausub,
E'me'eng né Rausub...

Dai-nos a Luz Divina,
Dai-nos a Luz Divina...
E'me'eng Tupã Rendy
E'me'eng Tupã Rendy...

Que todos e todas possam, queiram e saibam servir ao Criador Eterno e Todo Poderoso – AQUELE QUE É O QUE É. Que possamos, saibamos e consigamos realizar esse contato harmonizador com os seres de todos os planos da Mãe Natureza. Que possamos e queiramos, efetivamente, ocupar nosso lugar, gozar de nossos direitos e exercer nossos deveres neste Planeta e no Universo – nós, síntese da Criação, Imagem e Semelhança de Deus, aqui estamos para nos salvar de nós mesmos e ajudar uns aos outros. Sejamos, portanto, humildes e fortes o suficiente para TRABALHAR.

Se você não tiver condições de realizar a prática conforme apresentada acima, poderá realizá-la de modo ainda mais simples.

Entre as 18 e 19 horas, procura um lugar tranquilo em tua casa; ou vai a um bosque e entra na mata. Fica só – contigo, somente Deus.

Controlar o olhar e o falar são formas de começar a dominar a si mesmo.

O autodomínio é um passo a mais no caminho da Auto Mestria. Para ingressar na Mestria mais elevada, será preciso dominar a si mesmo, quero dizer, submeter os impulsos inferiores, pisar na cabeça da serpente. Caso contrário, jamais estarás capacitado a trabalhar com Alta Magia.

Mesmo que, com teu conhecimento e dedicação, você possa realizar certos "fenômenos", ajudar alguém de uma ou outra maneira – enquanto você não vencer a si mesmo, estará propenso a cair muitas e muitas vezes. Se tu cair, aprende com a queda. Levanta, segue em frente e permaneça atento para não errar novamente.

A chave para essa firmeza é: "paciência e perseverança". Aproveite as quedas que levou para investigar, encontrar e superar as causas das mesmas. Com o tempo e a prática, passe a exercitar, também, o bom ouvir, o bom tocar e o correto pensar. Purificando e melhorando teus sentidos, ampliarás as conexões de tua alma.

SENTINDO A PRESENÇA DIVINA

Entre as 18 e 19 horas, procura, em tua casa ou em um bosque, um lugar sereno onde você possa permanecer sentado, de preferência próximo ou em meio às plantas.

Leva contigo teu chapéu ou teu cocar, tuas guias, teu maracá, teu cachimbo e a Bebida Jurema.

Prepara e acende uma pequena fogueira, que ficará à tua frente. Entre ti e a fogueira, coloca uma cuité ou uma cabaça com água. Caso não seja possível preparar a fogueira, faça uso de uma vela branca e de um copo transparente com água, sobre uma toalha branca. A água e o fogo contribuem com a harmonização e simbolizam o equilíbrio entre o interno e o externo, entre o corpo e a alma, entre a alma e o espírito.

Tira tua camisa e fica descalço. Veste tuas guias. Senta.

Sinta a terra sob teus pés – ela é teu alicerce. Valoriza e ama a terra que tu pisas, para que ela te abençoe.

Sinta o ar puro que envolve a ti e a Natureza ao teu redor. Ele é VIDA. Agradece a Deus pela Vida e pela oportunidade que Ele te dá de conversar com os Mestres de bom coração de nossa Jurema Santa e Sagrada.

– Presta atenção ao que fazes Germano! – Disse-lhe Maria de Salomão – Sabes em quantos problemas podemos nos envolver se a Igreja descobre esse teu baú? Lembra que teu tio quase complicou a todos nós, durante o translado desses objetos!

– Aqui não há igreja, Maria. O padre nunca vem nos ver. – Respondeu, firme e seguro, Antônio Germano.

Dirigiram-se ao quarto, ele e o caboclo – Germano com toda cautela. Mesmo sem Igreja por perto, precisaram acender duas velas para iluminar o quarto, já que as duas janelas permaneceram fechadas.

Um grande cadeado quase todo enferrujado foi aberto. A tampa do baú, levantada. Pai Índio, observando a tudo, analisou todos os instrumentos silenciosa e atenciosamente antes de dizer:

– Vejo essa espada e o punhal, Germano. E essa bengala... O tridente, as garrafas, o chapéu e esse manto estrelado. E sinto que isso é matéria de um grande conhecimento. Mas sobre esses livros eu nada entendo, nem sei ler, nem nunca vi essas letras.

– Alguns desses textos estão escritos na língua de meus bisavós. Outros estão na língua da Igreja. Outros contêm símbolos alquímicos. Tu me falaste, dias atrás, que teu povo acreditava na existência de seres encantados que vivem nas águas e nas florestas e que entre os teus existiram piagas que curavam qualquer doença... Pois bem, estes enguerimanços que guardo tratam de espíritos das águas e do fogo, da terra e do ar; ensinam preparos de ervas especiais para curar malefícios, ensinam como são evocadas as almas de quem já se foi e a transformar chumbo em ouro...

Vez em quando olhando firmemente nos olhos de Germano, o velho índio em silêncio ouvia tudo, refletindo sobre o que o homem branco lhe contava – quando em vez observando os livros e suas gravuras – reconhecendo nas palavras daquele português, aspectos de uma Ciência que também pertencia a uns poucos índios que então viviam escondidos no meio das matas.

No fim do discurso, o velho índio decide, com gratidão, devolver-lhe o convite:

– Tu me mostraste algo muito sagrado, confiando neste velho tapuio – disse o índio a Germano – e eu também quero te mostrar um segredo importante, visto que confiei em ti desde a hora de tua chegada.

– O que tens de mais importante e grandioso que isso que te explico Pai Índio?

– Não mais importante que isso, mas tão importante quanto, Germano irun. Na lua crescente da sexta feira próxima, tu irás até nossa tapera. E vou te mostrar algo que também guardamos há muitas e muitas luas, com todas as nossas forças.

O que o Caboclo Velho desejou e sentiu poder apresentar a Germano, foi a Ciência da Jurema.

Uma semana depois, a noite aguardada chegou. Por volta das 16 horas, pegaram uma vereda ao leste de suas casas. O inverno estava chegando, trazendo as primeiras chuvas, e a mata estava verde, florida e perfumada. No caminho, Pai Índio exigiu:

– Germano, assim como nada direi a respeito do que tu me mostrastes, exijo que nada digas sobre o que iremos te mostrar. Guarda segredo do que começarás a aprender, até que possas revelar a quem realmente merece!

– Pode acreditar que guardarei total sigilo, Pai Índio. Guardo segredo de muitas coisas, desde jovem, como o senhor bem percebeu.

Chegaram à tapera, pequena e pobre. Seis casinhas de palha organizadas em círculo envolviam um terreiro limpo, no centro do qual alguns caboclos preparavam uma fogueira. Próximo da fogueira, uma cuia com água; e um grande pote de barro, fechado.

– Haverá folguedo hoje, Pai Índio?

– Não, meu filho. Avisei a meus parentes de tua vinda e eles seguiram meus conselhos. Sabemos o quanto tu nos respeita e nos têm ajudado, e o quanto és honrado, pacífico e amigo. Sei o quanto amas e respeitas tua companheira, Maria de Salomão. Contei-lhes sobre teu povo, que também sofreu e foi perseguido e sobre a capacidade que tua família teve em guardar grandes segredos. Por isso, temos confiança em ti.

– Muito grato e feliz estou, Pai Índio...

– Enquanto meus parentes preparam o terreiro, vamos até a oca maior que quero te mostrar umas coisas.

1. **O controle do olhar:** o Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo, ensina: OS OLHOS SÃO AS JANELAS DA ALMA. E ainda: SE TEUS OLHOS FOREM LUZ, TODO TEU CORPO SERÁ LUZ. PORÉM, SE TEUS OLHOS FOREM TREVAS, QUÃO GRANDES SERÃO ESSAS TREVAS.

   Caríssimo irmão ou irmã, esforça-te para orientar tua visão. Procure encontrar, observar, olhar, visualizar coisas boas, belas e santas (inclusive nas pessoas). O que vemos pode muito bem gerar em nossos corpos sensações boas ou más, agradáveis ou desagradáveis. Os impulsos internos procedentes do que vemos inevitavelmente nos estimularão, em maior ou menor grau, em um ou outro sentido – sem falar nas imagens que ficarão arquivadas em nosso inconsciente. Se nos esforçarmos em ver e encontrar o bem, sentiremos, com o tempo, cada vez mais coisas boas e teremos sempre belas recordações e lembranças – e seremos fontes transbordantes de bondade.

   Adquira o hábito de semear o bem dentro de si. Procure, embora nem sempre seja fácil, sentir o bem que existe nas pessoas. Todos nós carregamos um percentual de Luz e um percentual de escuridão (ignorância). Sempre que possível, tente observar as qualidades dos indivíduos – busque encontrar essas qualidades – em vez de localizar e enfatizar defeitos. Exercite tua mente neste sentido. Em breve você terá conquistado uma mente e uma alma bastante iluminadas, tornando-se exemplo manifesto de bem-aventurança.

2. **O controle do falar:** Controle teu palavreado. Não desperdice o Verbo Sagrado, o Hálito da Vida insuflado por Deus em teu ser, na profusão de mentiras, querelas ou tolices. Ser alegre não significa ser pernicioso, permissivo, vulgar ou tolo no falar. Como diz o ditado, "a boca fala o que o coração está cheio" – um indivíduo virtuoso não costuma tagarelar ou perder tempo com fofocas e comentários depreciativos sobre a vida alheia.

   Antes de falar, analise o que há de ser dito para que tuas palavras não vaguem perdidas em desperdício de energia ou em prejuízo de alguém. A Força do Verbo circula, sem se perder. O mal que sair de ti inevitavelmente retornará para você – triplicado, buscando renovar-se – após ter contaminado outras pessoas. Analogamente, o bem que de ti for emanado retornará para você – trazendo consigo mais Luz, mais Paz e muito mais AMOR.

Há, ademais, outro modo de trabalhar: estabelecendo contato com os arquivos astrais deixados por Mestres e Mestras. Mas essa é outra ciência que ficará para outro livro.

Necessário se faz dizer algo sobre os modos de bloquear a ação de um parasita astral disfarçado de Mestre.

Além da oração, que deverá ocorrer sempre, na qual pediremos a Deus que nos conceda a Graça do Dom Divino do Discernimento dos Espíritos – capacidade que nos auxiliará a sentir a índole de tal ou qual entidade – poderemos questionar o ser, fazendo-lhe determinadas perguntas que só os Iniciados na Jurema Sagrada são capazes de responder. Isso é lícito.

Podemos observar os atos e palavras de uma entidade, analisando se entram em contradição com o que ou com quem ela diz ser. Por exemplo: um Mestre como Emanuel Germano ou Emanuel Cadete, jamais utilizaria de seus conhecimentos para prejudicar alguém. Um "Germano" que saia por aí matando e aleijando pessoas, com toda certeza será um impostor.

É possível queimar plantas e resinas específicas, que dissolvem coágulos negativos de energia astral e espantam os maus elementos: folhas de Jurema Preta, Amescla, Barbatimão e Quebra Demanda, são exemplos de vegetais que podem ser utilizados, uma vez coletados na hora e lua corretas (sobre horários e lunações adequadas à coleta de vegetais, sugiro o estudo de meu livro ***Breviário de Feitiçaria Natural***).

Colocar espelhos, objetos ou sinais consagrados em lugares específicos do local de trabalho – lembrando que o melhor escudo contra magos ególatras, feiticeiros malvados (há os que usam o que sabem para o bem. Esses são fortes candidatos à Alta Magia), larvas e demônios, é elevar-se espiritual e moralmente. Não há quem derrube ou ameace um mestre pleno de Amor no coração e Vontade de SERVIR.

Ora por todos os que se consideram teus inimigos. Melhor que "espantar" e banir é, sempre que possível, encaminhar para a Luz.

O CONTROLE DO OLHAR E DO FALAR

Um bom exercício que nos auxiliará, aos poucos, a controlar e superar nossos impulsos inferiores (desejos que resultam em querelas, apegos, vícios, dependência, escravidão, etc.), é o que segue:

Entraram na oca. O velho índio mostrou a Antônio Germano uma grande caixa feita de bambu e cipó e mandou que ele a abrisse. Dentro havia um grande cachimbo e um maracá emplumado; uma garrafa de bambu, uma cuité, duas cuias, uma flauta, um pequeno pilão, um arco de flechar e uma flecha, além de vinte e dois apitos de diversos tamanhos.

– Isso é pra você, Antônio Germano. Até agora, era meu. Mas agora te pertence.

– Muito obrigado, não mereço tanto... Mas para quê tudo isso, Pai Índio?

– Meu filho – disse Pai Índio, quase sussurrando – esses presentes são parte do segredo que vim te apresentar. Mesmo que decidas não usá-los mais à frente, guarda-os com o mesmo amor com que guardas o que foi de teus bisavós. São instrumentos sagrados. É com eles que realizamos nossas cerimônias, invocamos os espíritos que nos protegem, preparamos as curas com plantas e reverenciamos a Iara da Mata.

– A Senhora da Mata... Então ela é um espírito!

– Sim, irmão. É um grande espírito. Uma Alma Protetora tão antiga que não sabemos quantos anos possui...

Apanhando o cachimbo, Germano pergunta:

– Eu tenho um cachimbo e te dei um recentemente, cujo cabo havia sido feito de chifre. O que este cachimbo que me dás tem de especial, Pai Índio?

– Esse cachimbo é feito com o tronco de uma árvore sagrada, com a qual realizamos grandes curas. Mas não é só no cachimbo que há Ciência, meu filho... É principalmente o modo como você irá usá-lo que o fará diferente e muito especial.

E seguiram, o índio e seu amigo português, conversando por quase três horas sobre cada uma daquelas coisas. Sentaram-se em frente à caixa e acenderam o cachimbo sagrado. O Caboclo Velho contando sobre as origens de plantas e de animais, sobre a força que nos trazem os raios do sol, os espíritos que nos socorrem mediante o som da flauta e dos apitos... Uma conversa que parecia interminável, mas que de modo algum os deixou cansados.

Por volta das sete horas da noite, uma cabocla entrou na oca, aproximou-se do velho e disse-lhe ao pé do ouvido:

– Pa'í, estamos prontos...

O velho segura a mão direita da moça, se levanta com um pouco de esforço, e diz a Germano:

– Chegou a hora, Germano. A hora que eu sinto ser nossa. Tu ouviste sobre muitas coisas e creio que ao menos algo do que de agora em diante te será muito útil, foi aprendido. Será útil para ti e para teu filho.

– Tu bem sabes que não tenho filhos, Pai Índio. Um de nós, seja eu ou minha esposa, tem dificuldade para gerar.

– Saiba que tua mulher está prenha e que em nove luas haverá entre vocês uma criança, que crescerá forte e será sábia e bondosa como o pai.

– Como sabes disso, Pai Índio?

– A Estrela Júpiter me contou, enquanto eu dormia.

– Estrela Júpiter? E tu falas com as estrelas?

– Eu não, meu filho. Elas são quem falam comigo, sempre que querem me dizer algo importante. Há duzentas e cinquenta luas, esteve entre nós um velho, mais velho que eu, branco que nem tu, que me ensinou a cantar para as estrelas e para o menino Jesus. Sempre que canto, antes de dormir, e algo importante está para acontecer, eu sonho com os astros Júpiter, Saturno, Vênus, o Sol... Os astros vêm do firmamento, em forma de homem ou mulher, e me contam muitas coisas sobre o futuro.

– Que estupenda Ciência, Pai Índio! Onde se encontra esse homem que te ensinou essas coisas?

– Esse homem viveu conosco por muitas luas até que, com mais de noventa anos, foi plantado na caatinga próximo a um rochedo sagrado. Ele nunca nos disse seu nome, aliás, disse que tinha muitos nomes. Nós o chamávamos simplesmente "Bom Homem". Mas agora paremos um pouco com nossa conversa, porque chegou a hora. Não nos atrasemos. Teremos oportunidade de aprofundar esse e outros assuntos...

Os três saíram da oca. A fogueira estando bem alimentada iluminava toda a tapera. Dezenove índios, de ambos os sexos, aguardavam-nos em volta da fogueira. Com os três que chegavam, formaram um todo de vinte e duas pessoas.

deixar perambulando no Plano Astral o que a Teosofia chama "cadáver astral" – estruturas ou agregados que reúnem fragmentos de memórias, sensações e desejos de um falecido, que levam um tempo para serem dissolvidas (assim como o corpo físico deixado sob terra ou no mar levará um tempo para apodrecer e ser absorvido).

Cadáveres astrais podem ser reanimados por um espírito elemental, por uma larva astral ou ainda por partículas mentais manipuladas por um mago perverso encarnado ou desencarnado; ou até mesmo pelo médium inconsciente que, com seu fluído vital, anima as "cascas" e lida com elas como se fossem uma consciência desencarnada – através desse tipo de contatos o médium geralmente obtém informações meramente grosseiras ou desconexas, já que o que permanece no cadáver astral são fragmentos do mental e emocional mais concreto do falecido.

O médium pode, também, desejar muito manter contato espiritual com uma determinada entidade – imaginando e desejando constantemente que ocorra a interação transpessoal "vivo-morto". Em casos como esses o conjunto: desejo, pensamento e constância, acaba por gerar um ente artificial (um espírito elementar) que tanto pode ser manipulado por outras entidades, quanto se tornar uma espécie de autômato que se faz presente sempre que é invocado. Sem embargo um Adepto, através da elaboração de formas pensamentos adequadas, é capaz de construir portais que serão muito úteis aos contato com Mestres e Caboclos.

Quando um mestre de Jurema abre uma mesa, inicia uma sessão, mediante uma prática limpa e coerente, quando realmente um canal é aberto e uma ponte é lançada entre o nosso mundo e as dimensões que coexistem com a nossa (seja com este ou com outros planetas), entidades espirituais – que chamamos Mestre, Mestra, Índio, Pajé, Caboclo, Encantado – encontram condições adequadas para atuar em sintonia conosco e manifestar-se em nosso meio.

O mestre ou mestra pode ainda (desde que seja capaz), sem realizar invocações ou evocações, trabalhar com seus próprios conhecimentos, fé e poder pessoal, adquiridos através de trabalho perseverante: pode dar passes, rezar, abençoar, preparar defumadores e bebidas sagradas, produzir guias, amuletos e talismãs, etc. sem apelar aos Guias do Astral Superior para que "ancorem" ao seu lado. A oração aumenta a fé – e o estudo e a prática sérias avolumarão nossa força e firmeza na Mestria. Havendo necessidade, contudo, invoquemos um Irmão ou Irmã.

sagrada Mãe Natureza) nos auxilia no estabelecimento desperto de contatos com seres espirituais de vibrações equivalentes – sejam desencarnados, sejam devas, sejam encantados. Procure, com mesma intensidade, conhecer a si mesmo, para que futuramente você possa trabalhar ao lado dos Mestres, sendo, você também, um Mestre ou Maestrina.

Poderíamos aumentar nossos conhecimentos, estudando usos e contextos culturais nos quais estão inseridas as plantas sagradas ancestrais presentes em nossas pajelanças, terreiros e mesas de Jurema – especialmente a Planta Tabaco.

É certo que a fumaça do Tabaco aumenta nossa percepção e sensibilidade psíquica e espiritual, sendo ou não tragada. Quando ingerida com certa frequência, porém, acaba por destruir nossa saúde.

Atenciosamente, Manicoré R+.

CHAMANDO OS ESPÍRITOS

Não é qualquer pessoa, estudante de Magia ou Espiritismo, que consegue, de fato, evocar ou invocar um espírito. Boa parte dos contatos que ocorrem em sessões e trabalhos classificados "espirituais" são estabelecidos com outros elementos que, pairando no astral, são tomados por entidades reais. Chamar ao nosso plano um espírito para conversação ou trabalho é algo quase tão profundo e relativamente difícil, quanto ingressar plenamente consciente nos planos sutis. Além do estudo adequado, são necessários exercícios e propósitos que vão muito além da curiosidade; e um dom – o Discernimento dos Espíritos.

Para que um espírito regresse, precisamos estar em condições adequadas de recebê-lo. Devemos saber forjar uma via pela qual ele possa "descer". E nem sempre nós ou o ambiente está devidamente preparado para sua chegada.

É preciso HIGIENE, asseio mental, emocional e material, do médium ou mago ou médium magista – sendo a aquisição de valores espirituais elevados a condição mais difícil de ser obtida aos contatos construtivos. Renovar-se moralmente equivale a vencer a si mesmo e a superar as sombras que tanto nos aprisionam a sentimentos mesquinhos e baixos desejos.

Ao desencarnar, as entidades tendem a migrar para planos existenciais mais sutis. Dependendo de sua conduta sobre a face da Terra, após a morte, o espírito pode

– Nossas crianças foram dormir mais cedo – contou a Antônio Germano a cabocla que os acompanhava – porque essa Chegada é só para os adultos.

– Chegada? Chegada de quem? – perguntou-lhe, meio confuso, Antônio Germano – Nosso encontro não é mais secreto?

– Vamos cantar para os ancestrais, Germano – explicou Pai Índio. Com muita fé eles virão e, através deles, alcançaremos a Chegada dos Encantos.

– Vamos evocar os espíritos, Pai Índio? Serão eles que chegarão?

– Sim, meu filho. Em realidade, eles já estão aqui. Você é que não consegue sentir suas presenças. Agora, silencia.

Com todos reverentes, Pai Índio, no meio da roda, iniciou uma prece firme e silenciosa. Em seguida, abriu o pote e mergulhou nele uma grande cuité, enchendo-a com uma bebida de cor escura. Essa bebida era a Jurema, que Germano ainda não conhecia. O cachimbo com o qual foi presenteado, também era feito de pau de Jurema. Eis aqui aspectos de um dos grandes segredos, talvez o maior, que na Terra pode ser dito de um homem a outro... Mas Pai Índio não desvelou esse Mistério a Germano – antes, deu-lhe a chave com a qual o próprio aprendiz alcançaria o Reinado do Conhecimento e da Ciência.

Após dar um grande gole, Pai Índio oferece a bebida ao português:

– Bebe! Essa é a bebida que há milhares de luas tomamos, sempre que queremos manter contato com nossas origens, com nossos ancestrais e com Deus!

Sem qualquer sombra de medo e confiando nas palavras do velho índio, Germano bebeu. Bebida muito amarga, que quase o faz vomitar...

– Se tiver que vomitar, deixe correr, meu filho. Que teu corpo e tua alma estejam limpos. Bebe e passa a cuia aos teus irmãos.

Enquanto a cuia seguia, de mão em mão, de boca em boca, Pai Índio cantava – após ter acendido seu grande e emplumado cachimbo. Começou primeiro a cantar em línguas nativas, dialetos proibidos pelo governo português há mais de cem anos. O canto, entretanto, era seguido por todos; depois, na língua dos portugueses, para que Germano entendesse perfeitamente do que se tratava. Se tal cerimônia estivesse sendo realizada no litoral, todos poderiam ser presos e Pai Índio possivelmente seria morto,

acusado de praticar superstições e feitiçarias. Os adjuntos de jurema há muito eram coisas proibidas.

Os homens agitavam os maracás, girando em volta da fogueira. Pai Índio, quase no centro, ritmava a dança com um maracá maior que o dos demais e de vez em quando dava voltas soltando fumaça de tabaco em direção aos caboclos. Usava um cachimbo de canudo comprido, no qual, em distintas ocasiões, ardiam outras plantas sagradas. Invertido, soprado pelo forno, a fumaça saindo pelo canudo, banhando um por um daqueles que participavam do Guayú.

Daqui a pouco, uma índia velha estremece... Começa a saltar de modo singular e a cantar com voz mais grave:

- *Apotar xé ka'atimbó... Ixé aimonhang xé ka'átimbó... Asóiuká aibangá... E'iur... E'iur... Iurupari Guaçu! E'iur... E'iur... Iurupari Guaçu!*

Pai Índio para um instante em frente à velha e, após lançar fumaças que a envolvem por completo, diz em voz alta:

- *E'iur! Guyrárobyguaçu!* Que quer dizer, em português: "Vem! Grande Pássaro Azul!".

Era o primeiro ancestral protetor daquele povo, que chegava. Manifestava-se através do corpo da velha índia. A essa altura, Antônio Germano – que nada daquilo achava estranho, embora custasse a compreender exatamente o fenômeno – começava a lembrar de seus avós. Voltava à sua memória um sonho que teve dias atrás, no qual seu avô e avó, dentro de um círculo, após acenderem, em cima de uma mesa, sete velas e colocá-las em castiçal de sete braços, sobre uma toalha branca, em frente a uma taça com água cristalina, cantavam evocando a proteção do Arcanjo Miguel... Germano sonhava acordado! Eram lembranças de sua infância que voltavam à consciência. A bebida sagrada começava a fazer efeito.

Cantaram e dançaram por quatro horas, sem sinal de cansaço. O grande cachimbo do velho caboclo circulava – vez em quando chegando às mãos de Germano. Cada tragada levava ao seu corpo estremecimento característico – vibrações que o faziam sentir-se diferente.

Às onze da noite encerraram o ritual, cantando, dando adeus aos espíritos, agradecendo-lhes as curas e a proteção, pedindo aos ancestrais que sempre voltassem para socorrer a aldeia. Como última prece, Pai Índio pediu a Jesus Cristo e à Virgem

trabalhar ou pedir a sua ajuda, sem necessidade, sem qualquer trabalho ou estudo a ser realizado.

Há xamãs que fumam "brejeiros" antes de iniciarem seus trabalhos de cura, contribuindo com a alteração de seus estados de consciência e vibração pessoal. Os médiuns, ao tragarem a fumaça do tabaco, podem sentir mais vivamente os contatos das entidades espirituais com as quais trabalham (temos a impressão de que estão mais próximas de nós). Lembremos, todavia, que o abuso desse mecanismo pode nos tornar dependentes de modo a utilizarmos a planta sagrada como uma espécie de muleta: a Erva não é uma condição ou limite.

Lembremos, ainda, que não devemos ser escravos de vegetal algum e que somente quem possui licença, capacidade ou carma que o destine a isso, é que consegue interagir e conviver intimamente com determinadas categorias de espíritos elementais e suas respectivas plantas (suas moradas sagradas), sem ser "absorvido" por elas (ficar dependente de certos efeitos que os vegetais proporcionam quando utilizados abusivamente).

As plantas de poder não têm a intenção de nos submeter ou subjugar, embora seus guardiões saibam defendê-las. É o mau uso (o uso degenerado, o uso psicodélico, desequilibrado, descontextualizado, a utilização como fim e não como meio) que nos tira do eixo do equilíbrio e pode nos tornar dependentes mental e fisicamente. Usar determinados vegetais sagrados de modo desregrado e sem orientação pode esgotar o sistema nervoso do estudante, explodir ou implodir um chacra, tornar o indivíduo alucinado ou obsedado.

Aos médiuns, especialmente os médiuns jovens que iniciaram há pouco tempo o desenvolvimento anímico e a harmonização com suas correntes espirituais, para cumprimento de suas OBRIGAÇÕES mediúnicas (mediunidade, a maioria das vezes, não é dom, é carma, é forma delicada de quitar débitos contraídos em vidas anteriores), proponho que procurem exercitar a oração, o CONTATO MENTAL com seus Guias, irmãos e irmãs do plano espiritual, empenhando-se no estudo da Medicina Natural, da Medicina Oculta e da Botânica, antes de buscar apoio em plantas de poder.

Músicas apropriadas, orações, preces, meditações, contribuem com a expansão de nossas consciências. A expansão de consciência (conjugada aos valores morais elevados, ao Amor a Deus, ao respeito às pessoas e aos demais seres, a reverência à

Evitemos, obviamente, a aquisição dos vícios, abrindo mão dos cigarros industrializados do tipo "Souza Cruz" – utilizando-os exclusivamente quando forem requisitados pelos Mestres. Tais cigarros são produzidos à base de Tabaco acrescido de tantas mil substâncias tóxicas e viciantes, ou seja, são "programados para matar" – confeccionados perversamente, mecanicamente, por empresas que possuem o vil objetivo de gerar viciados que os consumam cada vez mais e de modo destrutivo, poluente e agressivo.

Nossos corpos são Santuários do Espírito da Divindade e nossas mentes provêm da Razão Suprema – e esses veículos, corpo e mente, devem ser bem zelados para que o Espírito se manifeste através deles com o máximo de perfeição. Além disso, o cigarro industrializado, poluído, é uma violência contra o Sagrado Espírito da planta Tabaco e, por seu uso constante tender a nos deixar viciados (escravizados) e apressar nossas mortes, é um atentado contra o Templo de Deus e contra o Divino que em nós habita.

O xamã, pajé ou catimbozeiro, deveria utilizar o fumo de Tabaco e a Planta Sagrada somente científica e ritualisticamente.

Para usá-la cientificamente, precisará estudar e compreender suas utilidades, capacidades, tecnologias e propriedades – inclusive no que diz respeito às limpezas astrais e etéricas, na purificação e decoração de ambientes (limpeza visual, alimento para os olhos, às emoções e para a mente), na cura de feridas, nas defesas do corpo e da alma, etc.

O Tabaco possui propriedades que, conjugadas às de outras plantas e levadas à combustão, liberam substâncias sutis que eliminam formas pensamento daninhas e larvas astrais, contribuindo com a limpeza de pessoas e lugares.

Para a realização do trabalho ritualístico, o pesquisador precisará entender que a citada Planta é uma erva ancestral das mais sagradas de nossas Tradições. O Espírito do Vegetal (ou os espíritos, caso o Tabaco esteja sendo queimado junto a outras ervas) tem a boa intenção de nos ajudar e curar – por isso não é interessante que saiamos fumando em nossos cachimbos "a torto e a direito", sem necessidade.

O cachimbo sagrado deve ser aceso em momentos especiais, cerimoniais, sem exageros e com consciência. O Espírito que governa a Planta possui ambiente e faixa vibratória próprios – por isso "acendê-lo" desnecessariamente equivale a convidá-lo a

Maria Santíssima que protegesse aquele português corajoso que, embora manquejando, acompanhou-os do início ao fim, sem reclamar um instante – o que era sinal de firmeza de caráter e vontade persistente. Pediu ao Grande Tupã que abençoasse a todos, índios e brancos, e que os homens de mau coração fossem levados pra longe daquela região.

A fogueira dava seus últimos suspiros quando os caboclos começaram a se recolher. Germano entra com Pai Índio na oca maior, armam duas redes e fazem um pequeno fogo. Após sentarem-se em suas redes, Pai Índio inicia um diálogo, perguntando a Germano:

– Sentiu alguma coisa durante nossa dança, meu filho?

– Sim, Pai Índio... Houve ocasião em que senti o lado direito de meu corpo como que em chamas e o lado esquerdo bastante frio. Senti também meu corpo estremecer diversas vezes, e um calor me invadir, seguido de uma luz que clareou dentro de mim.

– Foi a Chama da Vida, o Fogo de Badzé, que se fez presente.

– Sonhei acordado, Pai Índio... Sonhei com meus avós...

– Voltarás a sonhar com eles, Antônio. Sonharás também com os nossos avós, índios brabos, das matas virgens e florestas sagradas, que muitas coisas irão te ensinar. Chegará o momento em que, além de sonhar, você os verá e sentirá em diversas ocasiões e de outras maneiras.

– O que houve com a índia velha, Pai Índio?

– O espírito do Grande Pássaro Azul manifestou-se através dela.

– Ele a possuiu, como os demônios da Igreja possuem os homens perdidos?

– Não, meu filho, de jeito nenhum. Essa índia velha é uma grande curandeira. E o Pássaro Azul não é um demônio. Ele não a tomou, Germano irun. Ela o chamou em pensamento e ele veio. Ele esteve tão próximo da velha, que ele parecia ser ela e ela parecia ser ele. Mas ele não deixou de ser ele, nem ela deixou de ser ela. Dançaram e cantaram em comunhão de almas.

– Entendo Pai Índio... É parecido com o que acontecia antigamente, com minha mãe, quando invocava uns anjos da floresta, as sílfides, para saber se meu pai estava bem

durante as viagens. Ela falava meio que cantando e nos dizia o que se passava com ele. Quando ele estava em perigo, ela reunia flores e as queimava, soprando sobre a fumaça, pedindo aos lares que o protegessem.

– Sim, meu filho. É parecido. Acho que era assim que tua mãe fazia catimbó.

– Eu acho que se teu ancestral é hoje um espírito que se manifesta como pássaro, ele deve ter sido fadado em forma de silfo...

O velho caboclo deu uma gargalhada gostosa, antes de dizer a Germano:

– Dorme e saberás mais, Germano irun. Deita e dorme.

Os fogos da aldeia quase apagados. As brasas eram as únicas que resistiam, alimentadas pelo vento. Germano dormia tranquilo em sua rede, quando começou a sonhar que uma luz muito forte o envolvia e levava. De dentro da luz uma doce voz o chamava, dizendo: "Germano, abre os olhos e vem em minha direção".

– Quem és tu? – Perguntou Germano.

– Eu sou aquela que acompanha tua família há muitos anos... E que também te observa. Sei que desde teus bisavós, teu povo sofre a perseguição dos injustos. Agora, tenho algo especial para ti, que servirá não só para os teus, mas que será útil a muitas e muitas gerações. Abre teus olhos e vem!

Germano abriu os olhos, em meio ao sonho lúcido que já se aproximava do incrível.

– Tu és minha mãe? Sim, tu és minha mãe! Estou lembrado de ti, minha mãe! Por Deus, quantas saudades! – Ajoelhou-se Germano em lágrimas abundantes, em frente à mulher com a qual conversava.

– Sou tua Mãe, meu Filho. Sou também tua avó e tua bisavó. Sou todas as manifestações de Amor que a Natureza te acha capaz de viver. Olha em meus olhos e verás o que Eu Sou.

Germano enxuga as lágrimas e observa, com coragem e firmeza, nos olhos da Divindade. De repente, ele passa a ver tudo: a história de sua vida e toda a história de seu povo, o povo de Israel. Vê sua concepção no ventre de sua amada mãe, sua formação, seu nascimento, seus pais, avós, bisavôs, seus ancestrais italianos, africanos, orientais...

Os Magos indígenas, em conjunto com as entidades evocadas, em intensa e elevada obra que envolvia concentração, inteligência e Vontade, agregavam em volta dos corpos astrais dos espíritos partículas relativamente densas e em quantidades suficientes para servir-lhes de vestes temporárias. Tais vestes não eram compostas por plasma humano. Elas eram alimentadas o tempo que fosse necessário por um catimbó específico – a fumaça de plantas especialmente selecionadas e preparadas para servir-lhes de carregador energético – acrescido de determinado segredo que não cabe neste opúsculo.

O sétimo e último trabalho, que é o mais importante de todos, é **conhecer a si mesmo**. Na senda iniciática, autoconhecimento é tudo – conhecer a si mesmo em profundidade é seguir em frente superando limites, caminhando em direção ao que há de mais sublime e perfeito dentro e fora de nós, passo a passo, consciente e progressivamente, superando limites e falhas ao longo de ilimitado percurso, lapidando a pedra bruta, preparando o terreno para, finalmente, vivenciar o desabrochar do Mestre Perfeito que realmente somos.

Buscando conhecer-se em profundidade, você findará por conquistar a **Auto Mestria**: um Grau de Consciência em que passará a comungar mais íntima e vivamente da Fraternidade Universal que envolve seres e mundos diversos. Terá chegado a hora em que poderá, com perfeição, estando encarnado ou desencarnado, orientar e auxiliar irmãos menores – do mesmo modo como você foi instruído e socorrido por aqueles que te antecederam.

Em sintonia com a Essência de todas as Tradições, terá condições de transitar por todas as culturas da Terra, conhecendo-as e reverenciando-as, sem hipocrisia, mais importando o serviço prestado que a roupa utilizada. Harmonizado com a pureza do Amor Consciente, saberá como respeitar e orientar pacientemente, sem excluir ou menosprezar os espíritos; saberá ser duro quando for necessário enrijecer, mas estrategicamente, sem dar brechas a qualquer fagulha de ódio, vingança, rancor ou autoritarismo; e ser divinamente amável – nunca, entretanto, permissivo, promíscuo ou licencioso. Corretamente reverenciará a Criação e com Ela todos os entes, visíveis e invisíveis, que habitam o Cosmos.

SOBRE O USO DO CACHIMBO E DO TABACO

Seguem algumas notas sobre o uso do Cachimbo Sagrado e da planta Tabaco.

O quarto Trabalho, Caminho ou Ciência, é **o Rapé** – partículas que, movidas por sopro especial, aspiradas, adquirem mais vida e atividade, passando a circular muito sutilmente nos corpos mais densos do indivíduo, com considerável repercussão astral e mental, assim purificando nosso organismo, fazendo-o expulsar o que houver de destrutivo e abrindo caminho a vibrações mais sublimes e elevadas. Estando nossos corpos relativamente limpos (porque a mais profunda e firme limpeza que cabe ao homem realizar, além da purificação de seus corpos, é a reforma moral), passamos a sentir mais vivamente a presença tanto de nosso Eu Superior, quanto de irmãos e irmãs espirituais.

Se voltássemos algumas décadas no tempo encontraríamos, no Nordeste brasileiro, muitos senhores carregando uma latinha ou pequeno chifre cheio de rapé, feito à base de folha de Tabaco (ou de outra planta de cura). Porém, consideramos incorreto o uso do rapé por simples prazer, sem qualquer intuito ou objetivo psíquico espiritual. Usá-lo recreativamente equivale a profanar a sacralidade e menosprezar o trabalho das plantas com as quais foi preparado.

O quinto aspecto menor de nossa Arte Magna, está conectado à mediunidade. É a Ciência de **invocar** e trabalhar com os Mestres e Mestras, Índios, Caboclos e demais Encantados, através de contato mediúnico de incorporação. Os catimbozeiros que não carregam o carma ou possuem o talento dessa ferramenta, entretanto, podem estabelecer contato psíquico com os Mestres, travando diálogos mentais com os mesmos. Para isso, é preciso que sejam DEVIDAMENTE PREPARADOS para não darem ouvidos a todas às vozes e pensamentos que possam vir a se manifestar em suas mentes.

Através dos médiuns e com os médiuns, espíritos são convidados a servir e a trabalhar de acordo com os ditames e chancela da Lei Cósmica que a tudo rege. Na Linha de Jurema (essa é uma das formas como é conhecida a faixa vibratória e plano evolutivo de nossa Escola), vibram e evoluem, em ritmos distintos, espíritos de índios, africanos, ciganos, judeus, cristãos, caboclos dentre outros seres.

O sexto trabalho, atualmente em dormência, consiste em um conjunto de técnicas outrora utilizadas por nossos grandes Mestres e Pajés para **evocar** os espíritos – métodos através dos quais as entidades espirituais eram convidadas a manifestar-se no plano físico para participar dos antigos conselhos.

A luz divina o envolve completamente – sementes de luz são plantadas em sua mente e em seu coração, sinais são deixados em sua alma, seu espírito voa... Até que, defronte a um bosque muito florido e de indescritível beleza, aproximando-se de um lago, Germano vê a si mesmo. Ele mesmo é Luz. Ele todo é Luz. Uma voz, agora de homem, o chama: "Germano...".

– Sim, senhor. Aqui estou...

– Eu sou teu Mestre. Eu sou o índio que te trouxe até aqui, através do Pai Índio. Eu sou o Pajé que te protege e que cuida, junto contigo, de tua esposa e te ajudará a cuidar de teus filhos e dos filhos desta aldeia.

– Índio? Como podes ser índio, se és branco, tens barba e pareces tanto com meu pai? E como podes ser tão parecido com meu pai, se meu pai ainda vive, penando, idoso e viúvo, do outro lado do Atlântico?

– Posso assumir a cor e a forma que eu queira Antônio Germano, conforme me for permitido e necessário. Porém, mais que a cor ou a forma, importa, em realidade, o que realmente somos – e somos infinitamente mais que carne, sangue e ossos. O que tu viveste até a pouco, foi muito limitado em comparação ao que doravante viverás. Reconhece, portanto, desde já, que a Vida é eterna e que a morte nada mais é que uma passagem de tua vida para a nossa – a morte não é mais que uma mudança de ambiente, enquanto que a Vida é como um rio que não cessa de correr, embora alterne seu fluxo. Importa que possamos estar na África, na Ásia, na Europa ou nas Américas, mas que nosso pensamento esteja acima das línguas que usamos quando estamos em Terra. Mais que ao Pai Índio, espero que me consideres como um outro pai.

– Homem, como posso ser teu filho se só agora te conheço?

– Entenda que serei teu pai espiritual, Germano, nesta geração. O teu Guia na nova vida que doravante irás seguir.

– Nova vida?

– Sim, Germano, nova vida. Ao voltares à Terra, aos poucos recobrarás a memória de tudo o que estás vivenciando e aprendendo neste momento. Sentirás grandioso desejo de estudar os livros de teus bisavós e conversarás muito com o Pai Índio sobre a Ciência do Povo Vermelho. Ele te instruirá no que guarda da Sabedoria dos velhos

tapuias e eu serei o mediador entre teu mundo e as nossas aldeias, cidades e reinos. Ele te ensinará os mistérios da Tradição do povo deste lado do mundo, ao qual também tu pertences.

– Como te chamas?

– Eu me chamo Emanuel.

– Emanuel de quê?

– Emanuel de Souza das Neves. Esse foi o nome que recebi em uma das vezes que nasci no mundo, quando fui homem de carne igual a ti e instruí alguns de teus parentes. Lembra, Germano, que quando precisares, poderás me evocar ou invocar e eu estarei pronto a te ajudar e orientar no que for possível e necessário. Falarei ao teu coração quando me invocares e trabalharei bem junto a ti, quando me evocares.

– E como faço para te chamar, mestre Emanuel?

– Canta. Canta, meu filho! Aprende com o Pai Índio como se canta para chamar os espíritos. E o Mestre Emanuel de Jesus virá trabalhar contigo. Junto comigo virão outros índios, guerreiros e cavaleiros, daqui e de além-mar. Minha Ciência, desde já, começa a ser tua Ciência, minha voz será a tua voz, minha Força será a tua Força – até que, finalmente, ainda nesta geração, não precises mais de meu apoio e amparo – porque o destino do discípulo é tornar-se Mestre. Quando receberes a estrela em tua fronte – a estrela de Belém que anuncia o nascimento do Salvador – e a estrela em teu peito – tu serás chamado, entre os homens, Mestre Emanuel Germano.

– Por que serei chamado Emanuel se meu primeiro nome é Antônio?

– Porque carregarás a minha Ciência e a tua Ciência. O Conhecimento que te passo e o que adquirirás com teus próprios esforços e trabalhos, serão um só. Transcendidos e elevados, tornar-se-ão parte da Sabedoria que transmitirás ao teu filho e aos teus futuros discípulos.

– Meu filho... Louvado seja Deus! Louvado seja o Criador de todas as coisas visíveis e invisíveis! Em honra e homenagem a este nosso encontro, meu filho será batizado Emanuel Germano! E me esforçarei para que ele se torne Mestre como és, após a minha passagem pelo mundo.

esquecemos, também, de nos amar. Quando nos amamos nós a amamos. Por isso, é o Catimbó-Jurema um movimento ecológico de harmonização total entre os seres humanos e os demais seres, o Planeta e o Universo.

OS SETE TRABALHOS DO JUREMEIRO

Cabe ao juremeiro iniciante realizar sete trabalhos – adquirindo sete ciências – através dos quais terá estruturado seu laboratório. Esses trabalhos são: **Cachimbo, Jurema, Maracá, Rapé, Invocação, Evocação e Auto Mestria** – eis os sete primeiros trabalhos de um juremeiro conforme a Tradição do Santuário da Jurema.

O primeiro – **o Cachimbo** – exige que o aspirante vá à floresta e, com muita sensibilidade e intuição, encontre a árvore correta da qual extrairá madeira para confeccionar seu cachimbo. O cachimbo é um instrumento sagrado cuja simbologia resume toda a Ciência. Expressa, ainda, a geração e a criação de todas as coisas, das mais densas às mais sutis.

O cachimbo é uma ferramenta que sintetiza e reúne, quando utilizado com sabedoria, o poder das plantas, a força do pensamento e o hálito da vida. Cachimbo é ação, é proteção, é defumação e é reflexão.

Existem outros métodos para confeccionar e consagrar cachimbos (e vários tipos de cachimbo) – este, porém, é o que selecionamos por considerá-lo essencial.

O segundo trabalho – **a Jurema** – é ao mesmo tempo uma obra artística e alquímica: é ter condições (estar preparado, dentro de elevada ciência, humildade e reverência) para manipular a Jurema e outras plantas com o objetivo de produzir bebidas especiais que consideramos sagradas – remédios que iluminam a alma e a mente; fortalecem e purificam o organismo.

O Maracá é um instrumento ancestral utilizado por diversas etnias, de tempos remotos à contemporaneidade. O maracá, já ensinavam os antigos pajés, simboliza o mundo e o Universo. As sementes colocadas no interior da cabaça ou da cuité representam a abundância, a fartura, assim como o alimento material e espiritual que devem ser compartilhados entre irmãos e irmãs. A haste é alusão ao Princípio Masculino, os raios do Sol que fecundam a Terra com sua Poderosa Luz. As penas representam nossos espíritos, que à nossa Terra de Origem deverão regressar após grande jornada realizada neste e em outros mundos.

– Se possível contemple diariamente o nascer do Sol, usando roupas leves e claras (ou sem usar roupa alguma) para que os raios solares banhem teus corpos físico, etérico, astral e mental. Não tenha pressa. Deixe que a Mãe Deste Dia (Kuarasy) renove tuas forças. Respire leve e profundamente enquanto é banhado pelo Amor Divino.

– Se organize para dormir bem. Boas horas de sono, além de nos deixar livres da fadiga, nos revigoram e rejuvenescem. Mais que isso: nossas almas geralmente têm assuntos a tratar em outros lugares e é quando dormimos que elas saem a aprender e trabalhar. Caso sofra de insônia, apenas deite-se e solte todo o corpo como se estivesse pronto para dormir. Entregue-se por um tempo, mesmo que não durma: o menor repouso para o corpo cansado é grandiosamente compensador à existência.

– Realizar boas leituras, que inspirem reflexões elevadas, sobre diversos temas (saúde, cultura, psicologia, filosofia, política, história, espiritualidade, etc.) fortalecerá não apenas o intelecto – estruturara o corpo mental aos contatos com entidades espirituais e planos paralelos.

– Manter contatos com a Natureza (reverenciando-a em silêncio, indo a bosques, florestas, rios, praias, lagoas, realizando acampamentos e retiros espirituais em meio às matas, sempre que possível) contribuirá com o aflorar de níveis mais apurados de percepção e consciência. Progressivamente você se tornará mais sensível e conseguirá acessar frequências e energias até então desconhecidas.

– Ouvir boas músicas, harmoniosas e inspiradoras, é incidir positivamente sobre o corpo de desejos.

– Evitar passar o tempo em lugares desagradáveis, vulgares ou violentos, de baixa e pesada vibração. Nesses ambientes o indivíduo poderá transitar quando estiver em missão (visitando um enfermo, orientando um espírito, etc.), ou quando for inevitável o trajeto – mas com a devida proteção e preparo, para não sucumbir às provas ou ser vítima de entidades espirituais maliciosas.

– Fortaleça o que está dentro, tanto quanto o que está fora. Você pode estar portando um patuá consagrado, uma guia, um amuleto, um talismã, um contra egum... pode seguir dietas alimentares e sexuais, purificar sua casa através do fogo e da fumaça sagrada... mas se teu íntimo for podre, qualquer estratégia não passará de paliativo. A verdadeira Iniciação ritual é aquela que repercute internamente.

A Natureza é ao mesmo tempo Templo e Laboratório Maior do mestre e da maestrina. É nela que encontramos força e substância para realizar nossos trabalhos de cura. Um aspirante que não se esforça em preservá-la despreza praticamente todo o conhecimento que almeja um dia conquistar. Cada um de nós é uma síntese completa da Natureza e com Ela estamos em Unidade compondo um grande organismo. Se não lhes damos atenção e amor,

– Assim seja! Teu filho será Mestre como serás. Agora, desperta. Desperta de teu sono encantado e daqui há sete luas, beberás, com o Pai Índio, três cuias da bebida sagrada. Estarei te aguardando com outros Mestres, no Campo de Josafá. Juntos, te levaremos para conhecer as aldeias e vilas nas quais residimos. E fica atento: desde já, muitos começarão a te procurar, sejam brancos, negros ou índios, necessitando de ajuda...

"Linha" ou "ponto" de Mané Germano

Meu Mestre Mané Germano
Faça favor venha cá...
Ô Mestre Mané Germano
Faça favor venha cá –
É na Ciência da Jurema,
Na Força do Manacá.
É na Ciência da Jurema,
Na Força do Manacá.

Nos Campos de Jerusalém
Está solto todo meu gado,
Nos Campos de Jerusalém
Está solto todo meu gado –
Estou na Mesa da Jurema,
Estou avistando é o Reinado!
Estou na Mesa da Jurema,
Estou avistando é o Reinado!

Meu Mestre Mané Germano
Venha num raio de Sol
Meu Mestre Mané Germano
Venha num raio de Sol –
Venha curando com a fumaça
Sagrada do Catimbó.
Venha curando com a fumaça
Sagrada do Catimbó.

Meu Mestre Mané Germano
Venha na Luz do luar
Ô Mestre Mané Germano
Venha na Luz do luar –
Com Jesus Cristo abençoando
Germano vem trabalhar.
Com Jesus Cristo abençoando
Germano vem trabalhar.

Eu venho de boa terra
E venho de boa semente,
Eu venho de boa terra
E venho de boa semente...
Vim da semente profunda
Pro Mestre vir trabalhar –
Sou da Mesa da Jurema
Do tronco do Juremá
Sou Mestre Manoel Germano
Com a Força do Vajucá.

Glossário

Badzé: É a planta Tabaco e o Espírito da própria planta, presente de Deus aos seres humanos, conforme a mitologia Kariri.

Enguerimanço: Variação de "engrimanço". Segundo o Rosa+Cruz Stanislas de Guaitá (1867-1897), em sua Obra ***O Templo de Satã*** (publicado no Brasil pela Editora Três, em 1973), *engrimanços* eram "escritos sobre mágica supersticiosa, as coleções de receitas abomináveis, entrecortadas de fórmulas de blasfêmias. Antigamente eram muito procurados para serem destruídos e muitas vezes os infelizes possuidores desses manuais eram punidos com a morte". Tomando como base um engrimanço que alcançou nossos dias, ***O Livro da Bruxa ou A Feiticeira de Évora*** (Editora Eco), percebemos que esses livros eram coletâneas que misturavam ciências diversas – concepções medievais de Física e Química, medicina rústica e práticas de feitiçaria. Analisando o primeiro texto desse livro compreende-se que, em Portugal, entre a passagem do período medieval para a Idade Moderna, a expressão "fazer enguerimanços" equivalia a "fazer magia" ou "praticar feitiçaria".

Guayú: Segundo o Rosacruz Domingos Magarinos (Epiága R+): "*Guayú* é o nome de uma cerimônia do ritual dos aborígines do Brasil, a qual constava de danças e cantos, ritmicamente executados. *Guayú* quer dizer, também, vinda, chegada ou recepção. Recepção de quem? Dos 'estrangeiros', explicam os jesuítas que se referem ao caso. Será verossímil a resposta? Será racional a explicação? Não me parece. Não é razoável acreditar que os nativos, que timbraram sempre em ocultar as suas cerimônias religiosas aos estrangeiros, recebessem-nos, precisamente, com exercícios secretos, práticas esotéricas de pura magia. Há coisas que, como diz o povo, entram pelos olhos. Os *recebidos*, por ocasião dessas solenidades, não eram, certamente, os portugueses, os espanhóis ou os franceses – os *emboabas* –; eram as ***entidades de outros planos, assim evocados.*** Além disso, *Guay*, radical de *Guayú*, quer dizer *ente animado, alma ou espírito*". Para mais informações sobre o esoterismo dos índios brasileiros, estudar ***Muito Antes de 1500: ensaio de ethnogenia pré-histórica do Brasil*** – publicado pela Madras em 2005.

Iara: Senhor, senhora, dono (Tupi Antigo).

Irun: Amigo (Tupi Antigo).

Ka'atimbór é REMÉDIO, é o perfume de todas as rosas, é terapia de cura, é fragmento de uma antiga e venerável Ciência que deve ser aplicada com sabedoria. Estando encerrado o ciclo das guerras intertribais e coloniais, superemos a estagnação – sigamos em frente ultrapassando, inclusive, os conflitos entre terreiros.

Se você está disposto a abraçar de corpo e alma a humildade e a trilhar a difícil, mas gloriosa, senda do serviço; se você está disposto a pesquisar e trabalhar eternamente – em meio a tantos acomodados e megalomaníacos espalhados pelo mundo –, aprendendo a combater qualquer sinal de prepotência e arrogância que possa surgir em tua alma, você poderá vir a ser aceito em nossa Escola.

"Jurema é, antes de tudo, uma Filosofia" – assim nos ensina uma grande umbandista serva do Amor. E acrescentamos: Jurema é Filosofia e Ação. É curar a si mesmo de todos os males, curando a si no próximo e o próximo em si. Catimbó-Jurema é comunhão transcendente, envolvente, universal.

A antiga Sabedoria dos grandes pajés não estava limitada ao transe mediúnico. Era e é, em todos os cantos do mundo, em todas as épocas e sociedades nas quais esteve e está presente, uma Via para o Conhecimento de nossa verdadeira Natureza.

Trabalhar o corpo, a alma e a mente aperfeiçoando-os ao Serviço, é o início da mestria – de uma mestria menor, que fique claro. O domínio pleno e mais elevado da Arte Sacerdotal, entretanto, é conquista de pouquíssimos seres.

Em síntese, eis os cuidados iniciais, essenciais, que todo aspirante a mestre ou maestrina deverá tomar:

CUIDAR DO CORPO, DA ALMA E DA MENTE!

– Alimentar-se corretamente, preferindo vegetais e alimentos puros, reduzindo racionalmente as carnes de qualquer tipo. Mastigar corretamente, sem pressa, os alimentos. Comer moderadamente, sem abuso.

– Evitar o sedentarismo, praticando, se possível, caminhadas ou exercícios moderados. Ao que trabalha demais ou que se sente muito cansado: se esforçar para caminhar ao menos uma vez por semana, pela manhã, entre seis e oito quilômetros. Você pode começar colocando o pé fora de casa, acrescentando um passo a cada dia.

– Beber de seis a oito copos de água por dia, entre as refeições.

– Respirar corretamente. Estudar a respiração e realizar exercícios respiratórios é muito importante para a saúde integral. Os grandes pajés exerciam controle absoluto da respiração. Seus potenciais espirituais eram medidos por seus fôlegos.

aproveitando esse momento para receber a BÊNÇÃO de todos os seres da Criação e do próprio Criador, amando-O acima de todas as coisas... E AVANÇA EM DIREÇÃO À VERDADE.

Louvado seja o Grande Deus MUNHÃ – o Criador de todas as coisas visíveis e invisíveis.

Salve nossa Sagrada Ciência! Salve nosso KA'ATIMBÓR-Y'UREMA.

INICIAÇÃO

Você que lê estas linhas, de algum modo se sente tocado pela Jurema Sagrada? Será que você vibra na frequência de nossas correntes espirituais? Será que você tem algo a tratar ou a realizar conosco?

Você, senhor ou senhora, gostaria de adentrar nossos sagrados portais e conhecer nossas aldeias, cidades e reinos – sendo esse desejo, mais que mera curiosidade?

Você gostaria de contemplar nossos Mistérios? De conversar com os Mestres e Mestras espirituais de nossa Escola? De estabelecer contato com os grandes Pajés? Você não teria medo desses espíritos e não os consideraria "demônios do astral inferior"?

Um primeiro passo deve ser dado, se tua Vontade é sincera. Deixaremos as coisas bem claras. Há critérios. E nossas primeiras exigências são:

– Abandona, definitivamente, toda e qualquer forma de admiração ou devoção que por acaso mantenhas com entidades perversas – estejam essas entidades encarnadas ou desencarnadas.

– Desliga-te imediatamente de escolas pérfidas, que ensinem o mal, que pratiquem o crime, a egolatria, o furto, o vampirismo, a parasitagem, a prisão, a escravidão, o assassinato ou alguma outra forma de maldade explícita ou travestida de bem, como meio de adquirir graus, poderes ou bens materiais.

Abandona essas mentiras que são apresentadas como verdades e aprende que para cada um de teus atos haverá uma consequência à altura, para você e para quem estiver ligado a ti.

Chegou a hora de acabar com a confusão, rechaçar a mentira – os catimbozeiros já têm maturidade para compreender que CATIMBÓ-JUREMA não é satanismo, não é banho de sangue nem tortura de animais, muito menos pactos com Ferrabrás, Satanás ou Lucifér.

Lares: "Reminiscência da crença romana nos espíritos protetores dos antepassados" (ver Francisco Bethencourt – ***O Imaginário da Magia: feiticeiras, adivinhos e curandeiros em Portugal do século XVI.*** Editora Companhia das Letras, 2004).

Morubixaba: Chefe, principal (Tupi Antigo).

Oca: Casa (Tupi Antigo).

Pa'í: Papai, senhor, pajé.

Piaga: No Tupi Antigo a expressão "epiak" quer dizer, no português, "ver" e "avistar". O termo "piaga" era utilizado no sentido de "vidente" e "clarividente".

Tapera: Aldeia Velha (literalmente, "o que foi aldeia", no Tupi Antigo).

Maria Fernandes, manifestada com o Mestre Tertuliano, ao lado de Bastinho (marido da mestra) – foto cedida por Maria Fernandes.

Capítulo II

O DIABO E OS FEITICEIROS

OS MESTRES DE BOM CORAÇÃO

Houve uma época em que as defumações medicinais nada mais eram que parte do grande patrimônio espiritual de povos indígenas. Nas três Américas, membros de diversas tribos manuseavam com amor e sabedoria milhares de plantas que nos são oferecidas pela Mãe Natureza, empregando-as em banhos, chás, perfumes, infusões e defumações especiais através das quais combatiam e curavam males do corpo e da alma.

A presença europeia no Continente Americano trouxe-nos novas tramas e acontecimentos que enredaram o desenvolvimento de conflitos maiores do que aqueles que aqui já existiam, entre tribos rivais – conflitos que voltaram, mais do que o tradicional, nações indígenas umas contra as outras, assim como dezenas de tribos contra o europeu invasor. Assim, de um lado e de outro, paralelo às guerras intertribais e anticolonialistas, pajés e feiticeiros indígenas passaram a dirigir suas setas mágicas tanto contra antigos irmãos nativos que se aliaram aos invasores, quanto diretamente contra portugueses, holandeses, franceses, ingleses e espanhóis.

O europeu trouxe escravizado o africano – que também fez uso de "mandingas" no combate aos senhores de engenho e a outros tiranos. Compreendemos que em época de guerra, em qualquer parte do mundo, a desordem e as mazelas se multiplicam. Dessa forma, na transitória confusão surgida em decorrência do crescente número de europeus em solo brasileiro, em meio aos conflitos pela posse da terra e de suas desastrosas consequências, foram ampliadas as fumaças venenosas, as cabeças de serpente e os sapos maleficiados. A Ciência Ancestral – a Cabala Indígena, nossa *Tuyabaé Kuaá* – permaneceu incólume; o psiquismo, a vontade e a inteligência humanas, entretanto, influenciados e degenerados pelas guerras, seguiram mal dirigidos uma vez que direcionados às práticas de vingança.

Poucos foram os pajés que não decaíram, contaminados com as baixas vibrações que tomaram conta do ambiente colonial. O ego do mundo estava inflando; e o Eu Superior sendo esquecido. Adormecia o "estado de ser um com a Natureza e o Universo".

Com a mente e o coração direcionados às vinganças e vitórias exclusivamente materiais e pessoais, índios, negros e europeus foram estabelecendo contatos cada vez maiores com o mundo astral inferior – enquanto os Irmãos e Irmãs espirituais de maior Luz, os verdadeiros Guias e Mentores dos planos Astral e Mental mais

Capítulo IV

DO SANTUÁRIO DA JUREMA

REFLEXÃO

Quando as dificuldades cruzarem teu Caminho – que é simultaneamente único e múltiplo sobre a Terra – lembra que tu e a Natureza formam um só e mesmo SER.

Assim como o Fogo Renova a Natureza Integralmente, a capacidade de renovar-se, com Paciência e Perseverança, também é tua. "Renovar-se" é um dos poderes que está em ti. Portanto, se TU ÉS FOGO, faze com que a Luz de teu Amor e as chamas de tua Vontade consumam todas as impurezas que por desventura bloqueiam a conexão de tua consciência com a Mente Universal.

Aprende sempre a Lição que pulsa por trás de tantos acontecimentos, dores e sorrisos... e SEGUE TEU CAMINHO EM DIREÇÃO AO QUE HÁ DE MAIS ELEVADO.

E em teu peregrinar sobre o mundo, lembra, vez em quando, e tenta sentir, em Espírito e em Verdade, a frase há séculos dita por um dos maiores professores que caminhou sobre este Planeta: "Eu e o Pai somos Um".

Se tu e Deus são um só e mesmo SER, tu também és Amor e Fogo Consumidor. Ama! E queima teus vícios, adubando o solo com as cinzas da má existência, para que sobre o chão que tu pisas possam nascer novas e lindas rosas. Emancipa-te e SEGUE TEU CAMINHO EM DIREÇÃO AO QUE HÁ DE MAIS SANTO.

Ora, estuda e trabalha, para que a CHAMA DE TEU RACIOCÍNIO fortaleça tua mente, tornando-a um canal apropriado à recepção das melhores e maiores inspirações dos Entes Divinos. Destrona as lembranças impuras, usando-as como combustível em tua jornada... e CAMINHA EM DIREÇÃO AO MAIS COERENTE.

Sempre, ao acordar, agradeça ao SOL por mais um dia de VIDA – para que o Sol que te ilumina possa te abençoar.

Agradeça à terra que tu pisas, ao ar que tu respiras e à água que tu bebes. Agradece a todos os espíritos do Universo – agradeça a VIDA buscando senti-la em plenitude,

Em suas sessões a via de regra era (e ainda é) a prática da bruxaria, dos feitiços, envolvendo raízes, ervas, nozes, frutos, tudo com defumações fortes e muito uso de fumo nos cachimbos, a par com as bebidas alcoólicas, aliadas às matanças de bichos para os chamados **despachos**.

Em suas sessões se dança e se canta muito, com evocações extensivas a tudo quanto seja espírito de feiticeiros indígenas desencarnados e mandingueiros africanos, do passado também, e que foram famosos, ao som de campainhas ou sinos.

Porém a prática principal e perigosa de magia-negra no Catimbó tem como base o **envultamento**, *que é o uso (não de origem europeia; todos os povos primitivos usavam largamente esse processo) incisivo sobre objetos, quer do uso da vítima, ou, quando não, com bruxas de pano, alfinetes, dedais, agulhas e linhas de cores, etc.*

Com esse processo pretendiam matar as vítimas, lentamente, secando, paralisando, etc.

Também dão segurança ou defesa, que se chama de "contra-feitiço", na forma de amuletos especiais, quase todos compostos de certas nozes ou favas vegetais, e de caudas de certos bichos, acompanhados de orações, que dizem serem "fortes".

Também preparam uma auto-defesa específica, através de uma chave virgem, que serve para "fechar o corpo", tendo que levar um banho de sangue de bicho de pena preta. Todas as sessões do puro Catimbó começam por "abrir a mesa", que consta de acender velas em cima de uma mesa, coberta de toalha branca e cheia de materiais diversos.

Esse processo, dito como Catimbó, passou a se integrar no movimento interno das próprias MACUMBAS (ou QUIMBANDA), sendo que, nessas, a supremacia é dos outros espíritos denominados EXUS (os de categoria inferior, ditos como pagãos e outros mais). O Catimbó puro não absorveu nenhuma influência, quer do chamado Espiritismo, quer do Catolicismo.

* * *

Uma vez tendo sido apresentadas as visões (interpeladas por meus comentários) de pesquisadores e escritores que de modos distintos se relacionaram com o Catimbó, seguirá o próximo capítulo com algumas orientações provenientes do Santuário da Jurema.

elevados, aparentemente entraram em silêncio, passando, em realidade, a observar e agir muito sutilmente entre homens e mulheres (conforme o sofrível nível de consciência de seus irmãos e irmãs encarnados e desencarnados) impulsionando-os, vagarosa e firmemente, ao retorno da obediência à Lei.

Surgiram, então, de um contexto complexo, transitório, cruel e violento, manifestações espirituais intimamente conectadas a invocações de entidades astrais perversas cujo auxílio era procurado a princípio para resolução de problemas marciais pessoais urgentes (como combater inimigos, vingar-se de agressores e exterminar rivais). Em pouco tempo, tais seres passaram a ser invocados para trabalhos abertamente escusos, como adquirir bens em prejuízo de terceiros, destruir casamentos, roubar amores, adoecer desafetos, etc.

Entretanto, em meio às fumaças para o mal ocorridas em muitas sessões de Catimbó, não deixaram de arriar, com os trajes, trejeitos e ferramentas necessárias, Mestres juremeiros de Boa Vontade, Mestres e Maestrinas de bom Coração – espíritos de Luz ou em fase de iluminação, que buscavam e ainda buscam, em nível crescente, contribuir com o resgate e evolução espirituais seus e dos demais povos deste Planeta.

LIVROS DE ALTA MAGIA E COMPÊNDIOS DE FEITIÇARIA

Tripulantes portugueses e franceses trouxeram para este lado do Atlântico, obras primas da Alta Magia europeia. Livros como ***Filosofia Oculta***, de Cornélio Agrippa, e ***As Chaves de Salomão***, aqui chegaram com seus praticantes, filósofos e curiosos – indivíduos muitas vezes investigados e perseguidos pelo Clero cristão. Esses "bruxos" sondados pelo Santo Ofício, em um ou outro momento se envolveram com nativos e africanos que não possuíam liberdade para cultuar suas divindades e realizar seus próprios trabalhos mágicos.

No segredo, nos guetos, nas matas, o mais longe possível dos olhos da Inquisição, pajés, magos, cabalistas e feiticeiros, trocaram magias e compartilharam conhecimentos.

Da Europa também vieram compêndios de feitiçaria, coletâneas de feitiços e bruxedos cruéis, que envolviam tortura de animais inocentes, misturas de excrementos humanos e invocações de demônios. O clássico ***O Livro de São Cipriano*** talvez seja o mais comum desses "manuais", atualmente com várias versões (Capa Preta, Capa de Aço, Capa de Ouro, Livro Encarnado, etc.) – estando, a maioria, adulterada, resumida ou acrescida de textos que Cipriano sequer pensou em escrever.

Crenças e práticas foram relidas a ponto de quedarem perdidas, esquecidas, em dormência ou definitivamente destruídas; outras foram aproveitadas, mas reinterpretadas e adaptadas a novos contextos; havendo ainda as que não sofreram grandes mudanças ou qualquer alteração. Aos poucos, seguiram transmitidas,

ensinadas, observadas, absorvidas, especialmente em comunidades nas quais, durante muito tempo, não houve médico ou igreja – os pajés, as mestras e os mestres, os pretos velhos, possuíam e ainda possuem, nesses lugares, as funções de médicos, magos ou feiticeiros, e às vezes de sacerdotes.

É provável que o conhecimento presente em tais livros em muito tenha influenciado a formação das atuais práticas mágicas e curativas presentes em nosso Catimbó-Jurema. No caso, no Catimbó dos Senhores Mestres – pois, como bem me explicou um umbandista, "todo índio é mestre, mas nem todo mestre é índio". O que ele quer dizer com isso é que todo espírito de índio que atua na Jurema possui elevação espiritual e conhecimentos análogos aos dos magos, feiticeiros e curandeiros europeus (os Mestres) que aqui chegaram e foram aceitos na Jurema; mas nem todos esses magos têm origem indígena.

O MAIORAL E OS MESTRES DAS SOMBRAS

No universo espiritual ancestral e arquetípico dos indígenas do Rio Grande do Norte (os nativos Tarairiú, Chumimy e Potiguara), assim como em seus mitos, não existe figura semelhante ao Diabo judaico-cristão (um rei dos infernos, criador do mal, inimigo número um de Deus) nem de seus demônios. Cristãos e feiticeiros às Américas trouxeram toda a hoste dos infernos, tenha sido por medo ou por devoção.

Na Europa, ao longo da Idade Média, o Diabo foi tornado peça chave da trama cristã católica: Satanás, sentado em um trono de chamas, cozinhando almas penadas em um caldeirão gigante, planejava, incessantemente, destronar ou prejudicar o Criador de todas as coisas, afetando, quase de modo onipotente, com o auxílio de centenas de entes malignos, os pobres e frágeis seres humanos. As igrejas difundiam a doutrina do terror ao mesmo tempo em que se apresentavam como o único refúgio para os que não quisessem perecer vítimas do soberano tentador – o anjo caído que, de vassalo, foi transformado em grande rival de Deus.

O imaginário dos homens nascidos em meio à fusão de crenças, mitos e experiências diversas, mentalidade progressivamente complexa e plural, aliou a crença nos espíritos protetores da floresta aos entes angélicos guardadores das pessoas; pareou, por um bom tempo, Jesus Cristo e Iurupari, ambos nascidos de mães virgens, assassinados em cruzes, ressuscitados ao terceiro dia. O terror causado pelos demônios caminhou ao lado do medo de encontrar, nas florestas, Anhangá e Kurupira; ou de ser acometido de algum mal provocado por um caruana, decepcionado com o comportamento de alguém.

Mas não existe, no Universo Nativo, nas cosmologias indígenas ancestrais conhecidas, sequer espaço para um Pai da Maldade – o Diabo, concorrente de Deus – como cristãos católicos e protestantes o desenhavam e ainda desenham. Para nossos

Te-Vi, Caboclo Flecheiro, Caboclo Cauã, Caboclo Serafim, Caboclo Marimbondo, Caboclo Mineiro, Caboclo dos Montes, Caboclo das Matas, Caboclo Juarez, Caboclo Juçanã etc., e outros quaisquer tipos de espíritos, assim como as "Maria-Padilha, Maria-Mulambo, Maria-Balaio, Zéfinha, Chiquinha, o Zé-Pelintra, além dos "mestres" Luís, Ajucá, Tertuliano, Carlos Violeiro, Carlos Velho, e as "mestras" Vicência, Cecília, Bevenuta e ainda o Feiticeiro de Luanda e outros e outros mais...

O ponto forte de seus mistérios de iniciação era denominado (e ainda é) de ***"juremação"****, ato pelo qual o crente se iniciava ou se preparava, sendo, a grosso modo, um "batismo de fogo", durante o qual ele era submetido a um transe hipnótico, espécie de desdobramento do corpo-astral (aliás bem perigoso), produzido pela infusão de uma beberagem feita com semente da planta conhecida* como *Jurema (a mesma Yurema de nossos primitivos pagés) que adquiriria as propriedades de uma meia* ***maconha****, para que também pudesse receber certa parte de seu corpo a introdução de um amuleto, geralmente um pedacinho de certos cristais de rocha ou pedrinhas do mar, pelo qual ficava* ***protegido, ligado e marcado.*** *A incisão da introdução, era cauterizada, tampada, de maneira a que durante a cicatrização o tal amuleto não saísse.*

Não encontrei, até o presente momento, no litoral do Rio Grande do Norte, essa introdução de cristais ou pedras do mar em alguma parte do corpo dos médiuns. No Catimbó estudado por Luís da Câmara Cascudo, na primeira metade do século XX, acontecia de um Mestre da Jurema prometer a um mestre encarnado uma semente – semente que aparecia debaixo de sua pele quando ele estivesse realmente preparado e que era considerado um sinal de que o sementado havia alcançado a Mestria.

Atualmente existem terreiros nos quais alguns discípulos são sementados de um modo que, com todo respeito, considero errado. Sementes – não cristais ou pedras – são colocadas por baixo da pele do filho de fé, em lugares específicos do corpo. Esse processo faz vibrar com maior intensidade os corpos sutis do médium – que se torna um sujeito psíquica e animicamente mais sensível. Em outras palavras: seus "poderes" aumentam. Porém, sem o devido preparo moral, o sementado pode tender a utilizar seu psiquismo e mediunidade expandidos à realização de trabalhos escusos que lhes favoreçam com boas somas de dinheiro – e muitas vezes estacionam nisso.

Através desse processo, muita força e ciência geralmente é dada a pessoas sem o devido preparo moral, sem a experiência e a sabedoria adequadas para portá-las. O resultado é a decadência do médium. Aos poucos, a prepotência, o autoritarismo e a megalomania tomam conta de sua alma e todo tipo de trabalho escuso – uma vez pagos – passam a ser realizados.

SÍNTESE CÓSMICA) – atualmente os discípulos de Matta e Silva realizarem rituais de Jurema, Encantaria e Pajelança.

O trecho a seguir encontra-se em ***MACUMBAS E CANDOMBLÉS NA UMBANDA*** (versão PDF disponível virtualmente), obra na qual Yapacani realiza um de seus trabalhos mais serenos, analisando a história dos cultos africanos e indígenas, desde o que podemos considerar suas origens, até o nascimento da Umbanda em seus aspectos popular e esotérico. Segue o fragmento do texto retirado do segundo capítulo do citado livro, alínea intitulada:

MACUMBAS (catimbó, magia-negra, "baixo-espiritismo", pajelança, babassuê, etc.) ou QUIMBANDA

[...] dessa fusão dos rituais ***bantus*** *e a nossa* ***pajelança*** *(palavra que significa derivação ou degeneração dos antigos ritos dos pagés), que já dissemos ter gerado os candomblés de caboclo, uma parte dessa corrente espirítica, mágica e fenomênica,* ***desviou-se e degenerou-se mais ainda****, nascido disso um aspecto mais difuso e contundente, eivado de práticas de baixo teor vibratório, onde passou a predominar o fanatismo e a ignorância, que veio a ser conhecido inicialmente como CATIMBÓ (que significa, – cá-a-timbó – defumações venenosas ou maléficas) e posteriormente como "magia-negra", baixo-espiritismo ou MACUMBA... e que ainda na UMBANDA, tecnicamente, se diz como QUIMBANDA ou* ***banda negra*** *(o termo vem de ki-mbanda, da língua ou dialeto* ***quimbundo*** *e significa* ***curandeiro****, no sentido direto daquele que fazia* ***feitiço*** *ou magia-negra, pela evocação dos espíritos inferiores e que era o* ***ki-mbanda-kiakusaka angolano****).*

Em nota de rodapé, Matta e Silva apresenta uma suposta tradução literal do termo catimbó: cá-a, surra, pancadaria; e timbó, cipó venenoso – ou seja: "surra ou pancadaria venenosa". Essa tradução é muito estranha e não converge de modo algum com o Tupi Antigo ou com o Guarani. Nos citados dialetos, respectivamente, TIMBÓR é FUMAÇA e VAPOR, enquanto KA'Á é MATO e ERVA. Facilmente compreende-se que CATIMBÓ é DEFUMAÇÃO, VAPOR DE ERVA, FUMAÇA DE MATO (KA'ÁTIMBÓR, em Tupi Antigo).

Esse CATIMBÓ [...] foi produto de uma degeneração maior e teve sua origem lá no Norte e Nordeste do Brasil (Bahia, Pernambuco, Alagoas etc.).

Nele, no princípio, houve uma certa hierarquia, assim mais ou menos formada: – tinha o ***mestre*** *(chefe do grupamento), a* ***rainha*** *(espécie de 2° chefe), o secretário e a secretária do mestre e da rainha, além dos discípulos homens e mulheres (ditos como cassuêtos ou médiuns).*

As evocações eram (e ainda são) para os denominados de "mestres de linha" do astral, daí veio a origem histórica, popular, não oculta, ***esotérica****, das 7 Linhas ou Vibrações originais da Umbanda, adaptadas sobre* ***alguns*** *dos Orixás tradicionais, que diziam como os "encantados", que tanto podiam ser "caboclos" (índios desencarnados há muito tempo), apelidados de Caboclo Boiadeiro, Caboclo Ventania, Caboclo Marinheiro, Caboclo Serra Negra, Caboclo Pedra Preta, Caboclo Bem-*

ancestrais Tupinambá, por exemplo, só havia uma Fonte Inteligente: o Grande Espírito chamado MUNHÃ – do qual TUPÃ é uma das Manifestações. Munhã, que recebe outros nomes em etnias distintas, é o Criador, o Gerador de todas as coisas visíveis e invisíveis – sem concorrente, sem rival, sem inimigo.

Por outro lado, muitos pajés do litoral brasileiro aceitaram a existência de Jesus Cristo a princípio comparando-o ou considerando-o o mesmo Iurupari. Segundo a opinião de diversos pesquisadores, inclusive conforme os esclarecedores trabalhos do Mestre Epiága R+, Iurupari foi uma das manifestações da Consciência Solar entre os homens e mulheres do Brasil "pré-histórico". Ele teria fundado um rito solar, masculino, uma espécie de Maçonaria indígena vedada às mulheres.

Iurupari, Jurupari ou Jeropari (palavra que em Tupi Antigo significa "boca fechada", expressão que inevitavelmente nos dá a ideia de "silêncio" e "segredo") teria sido um herói mítico, um Mensageiro Divino que, após ser sacrificado em uma cruz de pedra e ressuscitar, subiu ao Sol prometendo retornar no fim dos tempos – conforme a antiga e quase esquecida Mitologia Tupi.

A história de Jesus, continuamente divulgada e geralmente imposta em território indígena, nem sempre foi aceita de malgrado ou combatida por nossos Karaíba – houve proximidade ou ainda fusões, mesmo que passageiras, entre essas duas histórias do Cristo.

Quanto ao Diabo grão-mestre infernal, torturador de almas – esse provém de estratagemas humanos que geraram medo e ignorância subserviente entre as pessoas, visando torná-las dependentes de instituições religiosas. Sua presença entre nossos caboclos possui origens absolutamente artificiais.

Analisamos esotericamente as origens de tal entidade.

Gerada há muitos séculos (mediante processos análogos às técnicas empregadas por magos malignos de civilizações decadentes à geração de entidades artificiais), essa entidade não é mais que uma forma pensamento medonha, gigantesca, pintada e bordada na Luz Astral, sem espírito próprio ou consciência individual, alimentada ao longo dos séculos pelo medo apregoado por determinadas instituições e pela malícia e maldade de diversas organizações humanas, pequenas e grandes, conectadas a grupos do astral inferior.

Nas mãos das igrejas o Diabo foi remodelado: deixou de ser o anjo opositor convocado por Jeová para os congressos celestes (entidade submissa à Divina e Suprema Vontade); para ser arqui-inimigo de Deus e malfeitor mor de uma humanidade sofredora. Satã ganhou coroa, cetro e reino – o Inferno – com toda uma corte de anjos caídos para governar.

Magicamente falando, o "chefe dos infernos" é essencialmente um conjunto de vestes constantemente utilizadas, renovadas e animadas por seres humanos e espíritos desencarnados. Cabe ao mestre catimbozeiro diluir aos poucos e firmemente essa espectral mentira historicamente incutida nas mentes e almas de milhões de pessoas ao longo das gerações, assim desfechando golpes certeiros contra diversas organizações sombrias que atuam se aproveitando da ignorância humana.

Reverenciar Satanás é alimentar uma ilusão (paradoxalmente sensível à guisa de realidade, por manter-se plasmada na Luz Astral); é perder tempo e energias. Adorá-lo é entregar-se às larvas e inteligências espirituais perversas que manipulam formas pensamento, alimentadas por correntes de fé invertida e decadente emitidas a todo instante – algumas vezes às custas de sangue teu ou de outros seres vivos.

Existem, entretanto, entidades espirituais muito perversas, sobre as quais diremos algumas poucas palavras – excetuando, logicamente, os *caruanas* e outros espíritos da Natureza que não são maus, nem bons: são guardiões que pura e simplesmente obedecem à Lei. Esses espíritos protegem e preservam animais e vegetais, em sintonia com homens, mulheres e seres que possuem ideias e práticas afins. Mas como a maioria dos seres humanos se relaciona com a Natureza? Nós geralmente a esquecemos, quando não a destruímos. Não é de se estranhar que esses espíritos sintam desgosto e se voltem contra um grande número de pessoas. Ainda assim, muitos caruanas e seres elementais, dentro de tipos e graus de consciência mais ou menos próximos dos nossos, dispendem cuidados para com a Humanidade – nos auxiliando e ensinando segredos e mistérios; ajudam-nos mais **por misericórdia** (como bem me ensinou um médico gnóstico), por "não terem perdido as esperanças de que melhoremos" (como me contou o Mestre Emanuel Cadete) – esperança de que futuramente retornemos ao nosso estado original de Santidade e Amor.

Visitemos rapidamente o mundo astral mais denso. Em síntese, vejamos o que são as "covas do astral inferior". Para que nossa exposição não se prolongue, direi que existem sete covas, sete graus de vibração negativa, nos quais estão inseridas as entidades maléficas que de um modo ou de outro perturbam os seres humanos, incitando-nos às práticas destrutivas, poluentes, violentas, etc. Quanto mais "profundo" encontrar-se a cova, piores serão os seres que nela se escondem ou estão aprisionados.

Algumas dessas entidades esforçam-se para serem redimidas, para serem perdoadas pela Divindade Única, Eterna e Todo-poderosa. Em seus imensos esforços, vão aos poucos se desligando da podridão na qual se encontram, podendo, conforme seus atos, reencarnarem neste mundo e/ou ingressarem em hospitais, abrigos e escolas do Astral Superior – sendo a Jurema Sagrada uma dessas Ordens Excelsas nas quais certas entidades são encadeadas ou buscam encadear-se para ascender.

fruta amassada produz um vinho apreciado pelo caboclo e cuja planta floresce na Amazônia e no Nordeste.

Apesar do cenário humilde dos catimbós, ondem reinam os pajés, todo pajé ou mestre tem um aspecto solene. Colorido com peles de jibóia, caudas de gavião, bicos de tucano, cascos de jaboti, couros de onça, dentes de capivara, chapéus de couro e alpercatas, o pajé é impressionante, grandioso, mágico, fascinante. É o belo-horrível. Agro, vermelho, oleoso, lembrando seus ancestrais, pajés das tribos brasileiras. Ele é o consultado pelos assistentes, como o eram os Grandes Iniciados. *E, como um mago cabalista, o mestre catimbozeiro diz o presente, o passado e o futuro. Algumas vezes bêbado, ridículo, em outras arrogante e sabido, o pajé é um deus entre os iniciados na mesa do catimbó. Entre os mais estranhos descobri MESTRE ZACARIAS, de Caruaru. Ele também conhece a Cabala e a comenta, assim como também conhece a astrologia e, no início do ano, sempre faz previsões e diz como será o ano. Reza também uma oração forte contra a inveja [...]. (páginas 63 a 66).*

E, neste mundo colorido, de encantados e princesas, de magos e vestais caboclas, o sertanejo se expande, ama, sonha, tem esperanças.

Suas tristezas e aflições, seus medos, seus desejos mais íntimos são expandidos. Esta é a grande força da magia, da crendice, dos cultos populares. Neles se escondem a esperança imortal, o sonho de grandeza do homem humilde. Neles há a dose de vontade de viver que o homem simples precisa. Ali, no Toré, no Catimbó, não há distâncias entre o mundo dos deuses e o dos homens. Esses mundos se tocam, se mesclam, se unem, e, no centro desses mundos, está o homem, na sua medida exata – entre o real e o imaginário. (página 93).

CATIMBÓ: O PIOR E MAIS DEGENERADO DOS CULTOS BRASILEIROS

O mestre Yapacani – Woodrow Wilson da Matta e Silva (1917-1988) – é o patrono da Tradição umbandista conhecida por Umbanda Esotérica. W. W. da Matta e Silva escreveu diversos bons livros através dos quais divulgou sua corrente, não deixando, porém, de questionar outras linhas espiritualistas que considerava inferiores ou limitadas em comparação à Umbanda. Suas críticas mais contundentes caíram sobre o Kardecismo (o que era de se esperar, já que muitos kardecistas ainda hoje consideram cultos inferiores, cheios de espíritos vampirescos e viciados, os cultos de matriz afro-ameríndia) e principalmente sobre o Catimbó. Para Matta e Silva, Catimbó, Macumba, Babassuê e Pajelança são cultos degenerados – estando no Catimbó a pior das corjas do plano astral inferior. Nesse aspecto, discordo abertamente do Mestre Yapacani e precisei meditar muito para compreender os motivos de – após tantas críticas ferrenhas realizadas contra o Catimbó e os Mestres de Linha (algumas publicadas pelo maior discípulo do Mestre, o senhor Rivas Neto, em ***UMBANDA – A PROTO-***

Talvez o autor esteja se referindo a uma vertente da Sagrada Cabala, chamada CABALA CRISTÃ. A partir do século XIX, essa corrente, dirigida por magos franceses, foi difundida no mundo ocidental. No início do citado século, Francis Barret divulgava seus conhecimentos cabalísticos na Inglaterra, organizando uma escola esotérica. Na segunda metade daquele século o cabalista Eliphas Levi iniciou seu trabalho, inspirando outros magos contemporâneos – dentre os quais Stanislas de Guaita e Papus, lideranças da ORDEM CABALÍSTICA DA ROSA-CRUZ.

Para os catimbozeiros que pretendem iniciar estudos cabalísticos, segue a sugestão de um opúsculo introdutório intitulado: *CABALA, A TRADIÇÃO ESOTÉRICA DO OCIDENTE*, de Francisco Valdomiro Lorenz.

Conforme a Cabala o homem compõe-se de quaro elementos: espírito, alma moral, alma instintiva e o corpo físico.

Essa doutrina cabalística subordina toda a criação, seres e elementos, ao governo de forças inteligentes divididas em categorias hierárquicas. O chefe supremo das dez categorias celestes é o Anjo METATRONO. As forças adversas são dirigidas pelo Anjo das Trevas, SAMAEL, o TENTADOR. Entre estes dois poderosos está circunscrita a luta do bem e do mal. Aquele, cujo nome não pode ser revelado a não ser a adeptos de coração firme, fica acima da disputa.

Esses ensinamentos, em linguagem cabocla, foram transmitidos aos catimbozeiros por Rei Herom. De onde viria este seu conhecimento? E ele dizia também:

" – Não creia que o homem seja exclusivamente carne, ossos, veias e sangue. Longe disto. O que realmente constitui o homem é a alma." *Rei Herom, de Catimbó de Zinho da Casa Amarela.*

Sua cantiga é a seguinte:

Eu venho cantando
Eu venho rezando
Do outro mundo
Venho curando

Reis, ó rei Herom
Ó meu mestre Herom
Descei ao mundo
Ó mestre Herom.

O ubim possui umas folhas apropriadas para forrar ou servir de cobertura às cabanas de catimbó. Assim, esta planta é querida pelos mestres juremeiros e chamada de planta da bruxaria. Outra planta, esta usada por Rei Herom é o murumuru, de fibras muito usadas nos largos chapéus de pescadores, ou nos chapéus dos catimbozeiros. Mestre Alonso, da Paraíba, usa um chapéu destes. E Rei Herom também possui um.

Outra folha, que os catimbozeiros consideram cabalística é o caraná, próprio para alçapões, gaiolas e feitura de objetos delicados do ritual. E há também um vinho cabalístico feito com o mucajá, cuja

Na sétima cova do astral inferior reside uma entidade que há tempos não pode ser classificada como espírito – um ser que, entre os catimbozeiros, é conhecido como **Maioral**. Esse é confundido com uma entidade de outra cova, um tanto menos densa, ente conhecido pelo senso comum por **Lúcifer** ou **Lucifér** – mas que nem é o Portador da Luz das mitologias médio-orientais e greco-romanas, nem o **Lúcios Fé** ou o **Luz e Fé** de umbandistas e caboclos, mas um ser fugidio, um *lucifuge* que foge de toda e qualquer forma de luminosidade.

O Maioral não atua em terreiros. É como um dragão perverso, um mago trevoso acorrentado e aprisionado em sua cova – uma criatura cujas vibrações são demasiadamente densas e grosseiras, "pesadas", para alcançarem nossa situação. Ainda assim, há entidades que o obedecem e "sobem" de outras covas para realizar trabalhos malévolos entre médiuns escravizados e praticantes de baixa magia. São esses seres que se manifestam, entre catimbozeiros, como se fossem o Diabo ou algum demônio. Podem usar, maliciosamente, criminosamente, em suas atuações em centros espíritas e terreiros, formas pensamento e cadáveres astrais de entes queridos de consulentes desesperados, assim como mentem usurpando o nome de Mestres juremeiros, Santos Católicos, Guardiões da Floresta e Forças Angélicas.

Estejamos atentos: uma árvore boa, bem plantada, regada e adubada, jamais poderá dar maus frutos. O que quero dizer é que para atrair e trabalhar com tais entidades é necessário vibrar em frequências semelhantes ou próximas às delas, sendo quase tão mau ou doente quanto eles são – ou ser detentor de uma moral inquebrantável e de uma Vontade e Ciência Superiores que capacitem o mago a ordená-las sem se corromper. A menor identificação (emocional ou psíquica) entre um magista e um "mestre das sombras" poderá ser perniciosa.

Uma verdadeira guerra foi travada séculos atrás, entre Irmãos da Luz e membros de escolas de baixa magia. Um combate físico e astral, no qual hostes angélicas e entes iluminados baniram determinados espíritos para esferas distantes e aprisionaram outras entidades em zonas umbralinas de nosso Sistema Solar. Um desses conflitos repercute até o presente no plano em que vivemos – e a vitória conquistada nos mundos internos passa a ser sentida, pouco a pouco, cada vez mais firmemente, em nosso Planeta.

O Reino de Tanema esteve à frente dessa batalha. Do citado Reino, o Caboclo Tanema e outros Mestres e Mestras quimbandeiros esfacelaram uma coligação satânica que, em últimas tentativas de revide, fundou um "reino" em zona transitória de baixíssima vibração. Visando confundir os filhos de fé dos terreiros e centros de Umbanda, Candomblé, Catimbó-Jurema, Pajelança, etc. fundaram uma espécie de cidade cujo nome simplesmente também é Tanema. Quem governa essa cidade é um ser que se autoproclamou **Princesa Iracema** – mas que não tem nenhum real vínculo com qualquer etnia indígena do atual ciclo em que vivemos, muito menos com a

verdadeira **Rainha Iracema do Astral Superior**. Essa "princesa", em realidade, é um feiticeiro atlante que ora assume sua verdadeira personalidade, ora se disfarça de algum outro ente.

As entidades que atuam sob as ordens desse ser já não possuem a mesma força que outrora. Mesmo assim continuam agindo – principalmente quando são evocadas e energizadas por determinadas correntes. Consegui obter notícias longínquas de uma delas, na época em que realizava pesquisas de campo para trabalho acadêmico, no litoral do Rio Grande do Norte. A entidade se chama Aruanta e a linha que dela coletei é a seguinte:

Aruanta, ô Aruanta,
Da cidade de Tanema.
Trabalho com Gato Preto
E com a princesa Iracema.
Aruanta, ô Aruanta
Vem do inferno mandado
A cama que ele se deita
É do compadre mais a comadre.

Coletei, ainda, as linhas de dois mestres que trabalhavam sob as ordens do citado Maioral:

Eu venho do escurinho
Eu venho do escurá
Porque meu nome é José Pescoço,
[...] sou filho do Maiorá.

E o Boi Tungão – considerado por alguns catimbozeiros o próprio Satanás:

Tava deitado na minha rede
Chegou uma negra com um cururu pra eu assar
Eu disse negra afaste pra lá que isso é arte do Cão
Boi Tungão do Maiorá - ôlirolirolirolí.

Ei, Boi Tungão!
O Boi Tungão do Maiorá!
Quando eu chamava ele vinha
Vinha bem devagarzinho que o galo já cantou – ôlirolirolirolí

Mestre Juremeiro é o rei do Juremal. Ele tem nas mãos o poder de curar. Usa ervas, passes magnéticos, cantos e danças para curar enfermidades. Quando chega no catimbó pega logo arco e flecha e começa a dançar. Quem o vê dançando tem logo a certeza de que se trata de um espírito de índio. Fala atrapalhado, cospe no chão, pede ajuda a Tupã e a Jaci, a deusa da lua. Dele recolhi a explicação abaixo relatada:

Quem criou o mundo foi TRIM-MAGÉ, de cuja cabeça nasceu Tupã, o que dá vida e luz. Sua mulher é TUPANÃ. E abaixo deles há Jaci, Coaraci e os deuses menores que são Caipora, Jurupari e Boiúna.

Para um estudo inicial das mitologias indígenas, inclusive dos mitos de Munhangara, Tupã e Irim-Magé, proponho os dois volumes de *OS INDÍGENAS DO NORDESTE* – preciosidade de Estêvão Pinto, publicados respectivamente em 1935 e 1938. Muito interessantes, também, são os livros *GEOGRAFIA DOS MITOS BRASILEIROS* e *ANTOLOGIA DO FOLCLORE BRASILEIRO*, de autoria do Mestre Maçom Luís da Câmara Cascudo.

Os caxinauaás [sic.] *contam que o mundo era estéril e Tupã lhe deu vida. Assim, os Mestres do Catimbó, principalmente os que vivem no REINO DAS FLORESTAS VIRGENS, REINO DO SOL e DO JUREMAL, dançam para comemorar a criação do mundo. Esta dança tem coisas belas, pois os casais se entrelaçam, girando em volta da mesa, simbolizando o amor, a união dos seres que povoaram o mundo.*

E cantam:

Eu vi o mundo brilhar
A luz da lua ele começou
Ora viva Tupã e Jaci
Que com o amor o mundo clareou

E, um a um, os pares vão dançando e se amando simbolicamente, relembrando os dias da criação da Terra. (páginas 61-62).

ASPECTOS DA INFLUÊNCIA JUDAICA

No catimbó, vi um Mestre do Além usar a Cabala. Desde que começou a falar, notei que ele possuía dons estranhos aos pajés. A origem destes dons era a Cabala, que ele conhecia e usava. Assim, vamos analisar o que vem a ser a Cabala, para depois contarmos como o catimbozeiro a usava.

A palavra QABBALAH significa, em hebraico, tradição. Vem dos hebreus, e seu pai foi ISSAC [sic.], *o cego. O movimento cabalístico começou na França e se espalhou por toda a Europa.*

do Além. O mestre conhece filtros invisíveis, ingredientes botânicos, berundangas. Imuniza qualquer sujeito de dentada de jararaca, de cascavel, de surucucu, de coral. Trata de ferida com folha de aninga, *belida com a* cinza de jaramacaru, *beribéri com a* raiz da muirapuama, *gangrena com o* talo de aningapara, *dor de olhos com a* raiz do gapuí, *dor ciática com o* sumo do mururé. *O peito doente cura com o* leite de anani, *luxação com a* pasta da macacacipó, *inflamação com a* entrecasca da sucuba, *obstrução com o* leite de ucuuba, *tuberculose com a* raiz do tajá-membeca, *dor de ouvido com o trevo roxo dissolvido* em leite de peito, *congestão com a* raiz da abutua, *icterícia preta com a* casca do cajueiro, *hérnia com o* miolo de cuia, *sezão com a* raiz aratuciú, *moléstia de mulher com a* folha de jauaraissica. *E, neste mundo de ervas, de raízes que só ele conhece, está a medicina mais querida pelos nordestinos, que fogem do médico, e preferem a proximidade da reza, da erva secreta e certeira da benzedura. (página 37-38).*

[...]

No fornilho dos cachimbos dos mestres são colocados pedaços de folha de jurema, tabaco, alecrim, incenso, mirra. Aceso o cachimbo, é colocado ao contrário na boca do contramestre. Na boca, coloca o fornilho e sopra, fazendo a fumaça sair pelo canudo (cânula) do "gaito".

O cachimbo, ou marca, é a base da defumação. A defumação é feita principalmente da cabeça, desta para os pés, depois o braço direito, a seguir o esquerdo, parando mais tempo na esquerda, por onde entram os espíritos negativos. Vira-se depois o defumado e faz-se a defumação pela frente, da cabeça aos pés.

Em algumas sessões, tanto de pajelança como de toré, como de catimbó, o chefe pega a criatura a ser exorcizada e dá três puxões nas mãos, para baixo, afastando os espíritos ruins.

Ao defumar a pessoa é necessário que ela esteja descalça e ela deve também desmanchar os cabelos. Os sapatos são chamados pelos caboclos do catimbó de bostocos. *Esta concepção de que se deve ser defumado descalço é devida à crença de que o chão é sagrado e só deve ser pisado sem calçado.*

ASPECTOS DA INFLUÊNCIA INDÍGENA

Catimbó tem sua dança característica em volta da mesa que está coberta com uma toalha branca, com os objetos ritualísticos.

Os participantes dançam marcando o ritmo com os pés e com os maracás. Alguns levam um arco e flecha nas mãos, como os que "trabalham" com a Cabocla Jurema, ou com os pajés. Os movimentos são lentos, e os participantes marcam o ritmo lento com os ombros. Alguns fazem uma cruz com os passos para lá e para cá. Cantam e depois se ajoelham, pedindo proteção aos chefes dos Reinados. Gesticulando, como se fossem índios guerreando, eles vão dançando em volta da mesa ininterruptamente. (página 59).

[...]

O DIABO SEGUNDO OS CABALISTAS

O que ensinaram, sobre o Diabo, os Magos e Cabalistas do final do século XIX?

Como conclusão deste capítulo tentarei responder a esta pergunta – escrevendo algo simultaneamente direcionado aos Iniciados em Alta Magia que possam estar interessados em conhecer o Catimbó; e aos catimbozeiros que almejam trilhar as vias da Alta Magia. O número desses irmãos e irmãs vem aumentando nos últimos anos. Proponho, também, aos mestres juremeiros que desconhecem a Sagrada Cabala, que estudem as obras de Eliphas Levi, Papus e Stanislas de Guaita, além dos textos de Jorge Adoum. Muita coisa virá a lume, tanto teórica quanto praticamente, em suas vivências.

Algo foi dito, pelo mestre Stanislas de Guaita, sobre magos e feiticeiros (que ele compreendia como executores de malefícios), em seu esclarecedor trabalho ***O Templo de Satã***. transcreverei alguns trechos (colocados em itálico) da Obra citada (publicada no Brasil em 1973 pela Editora Três):

Quem é a serpente?

No sentido vulgar, aparente, não temos dificuldade em adivinhar: é o espírito do mal disfarçado em réptil; é o eterno adversário [...] Shatan.

No primeiro sentido esotérico [a serpente] *é a luz astral, esse fluido implacável que governa os instintos; é o dispensador universal da vida elementar, agente fatal do nascimento e da morte; cortina do invisível, atrás da qual escondem-se as diversas hierarquias de poderes às quais ele serve ao mesmo tempo de véu e de veículo. Este ser hiperfísico – inconsciente, logo irresponsável – domina o feiticeiro como o dono da casa, e obedece ao mago como um criado. [...] devemos dominá-lo a qualquer preço, para não nos tornarmos joguete das grandes correntes que se movem nele, segundo leis invariáveis (página 14).*

O feiticeiro, ao contrário do Mago, além de estar sujeito ao ímpeto de seus próprios instintos, seria servidor de hierarquias e inteligências que se manifestam através desse grande veículo de forças, imagens, pensamentos e memórias, que os magos chamam "Luz Astral".

No sentido esotérico superior, a serpente *simboliza o egoísmo primordial, essa atração misteriosa do si para si mesmo, que é o princípio propriamente dito da divisibilidade: essa força que, ao solicitar a todos os seres que se afastem da unidade original, para se tornarem centros e se comprazerem no ego, provocou a queda de Adão (página 14).*

E ainda:

[...] a feitiçaria [...] podemos definir como a colocação em ação das forças ocultas da natureza, para o mal. (página 91).

[...] a feitiçaria (essa mágica às avessas, que os ignorantes e os invejosos muitas vezes confundiram, sem querer ou propositalmente, com a santa cabala*) mistura a todo instante, em seu cíato impuro, a ignomínia ao fanatismo, o crime à loucura! (página 58).*

Fica evidente, quando enveredamos pelo estudo de velhos livros e investigamos determinadas práticas mágicas de alguns indivíduos que se consideram "mestres de catimbó", o quanto existiu e ainda há de ilusão, loucura e maldade de ordens diversas, travestidos de "religiões afro-brasileiras". Incapazes de nomear as práticas grotescas que realizam, os "mestres" e "babalorixás" chamam-nas, como o senso comum costuma classificá-las, de "Umbanda", "Macumba", "Catimbó", "Candomblé", "Quimbanda", "Jurema" – usam, consciente ou inconscientemente, os nomes de todos os cultos de matriz brasileira, afro-ameríndia e indígena, sempre que acham pouco ou querem manter silenciadas expressões como: "malefício", "kaikanga", "jetatura" e "feitiçaria" (sendo este último um termo evidentemente bivalente, uma vez que tanto há manipulações energéticas malevolentes quanto existem ágeis manejos propensos à bondade).

Entre espetar pombos vivos e costurar a boca de sapos; colocar miolos de porco em uma panela e enchê-la de fumaça, almejando a ruína de terceiros; dependurar coelhos pelas orelhas e torturá-los até a morte, pensando no sofrimento de alguém; pendurar cães de cabeça para baixo sobre formigueiros e entregá-los ao fim, mediante lenta dor e sofrimento; furar os próprios dedos para dar gotas de sangue ao diabo ou a obsessores travestidos de mestres; estourar galinhas; e sacrificar um ser humano, ficam faltando uns poucos passos. À medida que estraçalha animais evocando a maldade, o indivíduo se torna cada vez mais insensível à dor e ao sofrimento de alguém – correndo o risco de enlouquecer. Ao atingir o clímax, quando finalmente pensa ter chegado muito longe em matéria de aquisição de poder, o que acabou alcançando foi o fundo do poço do delírio e da megalomania. Cavou sua própria cova, mágica e humanamente falando, e nela foi enterrado até o pescoço.

A primeira vista, [o feiticeiro] *parece revestir-se das mesmas prerrogativas que o mágico da luz. Chegamos até a confundi-los. É um erro de óptica [...].*

[...]

Nenhum criado é menos livre que o mágico negro: títere infortunado do invisível, marionete inconsciente do mal, abdicou de toda personalidade verdadeira; afoga seu livre arbítrio no triste oceano, do qual vai se tornar uma vaga. Mas, em compensação, ele será essa vaga, e o grande poder oculto agirá dentro dele, daí em diante; depois, por seu intermédio, agirá fora dele (página 105).

aparecem em todas as religiões antigas, mesmo os primeiros cristãos não deixaram de ser influenciados por eles, como afirma J. Alegro, baseado nos manuscritos do Mar Morto.

No litoral do Rio Grande do Norte, não encontrei mestre que fizesse uso de cogumelos.

[...]

Nossos índios também conheciam o poder dos cactos. Os pajés usavam cogumelos nas práticas invocatórias e entravam em transe mediúnico, conversavam com as estrelas, com a lua, a amada Jaci. E, logicamente, como os nordestinos fundiram conhecimentos europeus com indígenas nos ritos da "fumaça" e das "marcas", aí estão novamente os mestres entrando em transe, viajando pelas regiões nebulosas da mente humana.

Os adoradores dos cogumelos, com suas rezas, lá estão entre os iniciados na magia do sertão. Maria Rosália, rezadeira, usava um tipo de cacto para tirar a dor de todos os que a procuravam sentindo dores violentas. O que era este cacto se não uma planta dos bruxos, *uma droga poderosa?*

Dentre os catimbeiros [sic.] *que usavam ervas e cactos antes do ritual conversei com Mestre Paulo de Juazeiro que descreveu sua sensação de "viagem":*

" – Uma torrente de fogo subiu pela minha garganta. Invadiu minha cabeça. Senti-me envenenado, morrendo. E me vi no purgatório. *Vi o demo, o tinhoso, me espetando, de longe, e chamei por Mestre Carlos".*

Logo, estas declarações só vêm a provar a teoria mencionada. A mente deste iniciado estava excitada pelo poder da droga, e o mestre do sertão foi ao próprio purgatório...

A tradição popular não mente quando chama estas ervas de erva dos feiticeiros, *pois todas as plantas que gozam de propriedades venenosas ou narcóticas receberam este nome através dos tempos. (páginas 24 a 26).*

Os trechos seguintes são os que eu considero mais interessantes, na Obra de Severino Cavalcante: a medicina natural na Mestria; aspectos das influências indígena e hebraica na Jurema.

OS MÉDICOS SERTANEJOS

O pajé fumava cigarros de tauari *e defumava os homens da tribo. Com seu maracá, temível e procurado, penetrava os ouvidos dos clientes, chamava as iaras e as boiúnas. Esses dois objetos eram a base da medicina mágica das tribos brasileiras. Mas, o mestre ou chefe do catimbó usa, principalmente, a erva para curar. Com as ervas, as raízes e os frutos, o mestre enfrenta a morte, a doença crônica. A picada de inseto, a queimadura de lagarta de fogo, a ferroada da arraia, a mordida da serpente, encontram imediatas soluções nas rezadelas e curas dos invocadores dos chefes dos Reinos*

O cauim vira a mesa. Em breve ninguém se entende mais. Até brigas corporais entre mestres eu assisti. Os espíritos que chegaram foram inimigos em vida e lutaram corporalmente, até sangrarem os corpos de seus médiuns. Frutos da bebedeira e da alucinação? Ou fases degradantes do mediunismo sem doutrina?

Zinho, com seu punhal chamado Satanás, *já cortou muita gente em vida e continua cortando, materializado nas fumaças às esquerdas...*

Muitas ervas e raízes usadas pelos mestres e adeptos dos catimbós são produtoras de alucinações. E, ao usá-las, o iniciado perde a sensação de tempo, e entra em viagens. *As cores, para eles, tornam-se brilhantes, os ruídos são modificados, a música provoca visões coloridas, pequenos e distantes sons tornam-se perfeitamente audíveis, as partes do próprio corpo não parecem pertencer ao experimentador, mas a outrem.*

Esse relato, sobre os efeitos das "drogas" usadas no Catimbó da época de Severino Cavalcante, possivelmente expressa o que ele mesmo sentiu ao experimentar o que chama "ervas de Satã". Particularmente, nunca ingeri qualquer planta ou preparo alucinógeno no Catimbó. Jamais vi alguém fazer isso em qualquer terreiro. Desconheço quaisquer preparo antigo que em tese possa causar um estado de transe alucinante – se é que esses preparos existiram – que estejam presentes nas mesas dos dias atuais.

No que se refere à bebida Jurema, feita com cascas do tronco ou das raízes do vegetal homônimo, infelizmente não é mais produzida da forma como a preparavam os antigos pajés Chumimy – possibilitando o transe enteógeno semelhante ao proporcionado pela Sagrada Ayahuasca. Nenhum terreiro a usa dessa forma – e se o faz é de modo muito fechado e discreto. Os índios guardaram tão bem esse segredo que ele adormeceu profundamente, chegando a quase desaparecer.

Alguns poucos pesquisadores e juremeiros contemporâneos, xamãs urbanos e psiconautas, têm se esforçado para resgatar esse elemento tradicional antigo – agregando à bebida Jurema plantas oriundas de outros continentes (ou buscando encontrar as composições nativas mais antigas, ao preparo do Chá). Particularmente acredito ser impossível conhecê-la como a conheceram nossos ancestrais – sem a fórmula, o preparo, o jejum e o rito adequados. Esse é um assunto extenso que infelizmente não cabe neste livro.

Um detalhe na coloração da pele, ou uma simples dobra na roupa, pode provocar a concentração exagerada e longa, e, neste instante, os assistentes imaginam que os mestres vagueiam pelos campos do Juremal ou pelas cidades submersas da Tanema.

Cogumelos também fazem parte dos secretos conhecimentos dos catimbós. E, como todos sabem, os cogumelos são alucinógenos, em quase sua totalidade. OS COGUMELOS SAGRADOS

O "grande poder oculto", obedecido voluntária ou involuntariamente, seja em "sessões de mesa branca" em que "se inicia pela direita e se fecha pela esquerda" (ou seja, nas quais os médiuns começam suas atividades com trabalhos de cura e terminam em tentativas de matar ou prejudicar pessoas) ou em "mesas rasteiras" em que os "mestres" que se manifestam discutem entre si e ameaçam uns aos outros, praguejam, etc. (seja ainda em outras ordens de trabalho ou em casas sofisticadas, iluminadas à guisa de discotecas, cheias de satanistas pequeno-burgueses) – o "grande poder" recebe nomes diversos: Lúcifer, Ferrabrás, Satanás e Diabo, quando não está esmiuçado e fragmentado em não sei quantos mestres de "esquerda", cada um pior que o outro.

O medo e o desejo mantém baixas, submissas e obedientes, as cabeças dos "filhos e filhas de fé", uma vez que ameaças e promessas preenchem esses trabalhos.

A Sagrada Cabala nos ensina sem titubeios: o Diabo é Deus ao inverso. Ora, se Deus é onipotente, o Diabo não é todo poderoso; se Deus é onisciente, o Diabo não pode saber tudo; se Deus está em todos os lugares, o Diabo não pode estar à solta, rugindo como leão, em todos os caminhos; se Deus é o único Criador, o Diabo nada cria; se Deus é o único Juiz, o Diabo a ninguém julga ou subjuga ou condena; se Deus é Eterno o Diabo é finito; se Deus EXISTE o diabo INEXISTE. E Deus é Deus, Ele é o que é – muito acima de nossas maiores e aparentemente mais profundas compreensões de Bem e Mal. Deus é a VERDADEIRA JUSTIÇA E O VERDADEIRO AMOR: A Força Maior, a Inteligência mais Elevada, o mais infinitamente profundo e coerentemente Justo e Misericordioso, o Eterno, que jamais foi ou será algo porque ELE SIMPLESMENTE É.

Tudo de mais elevado e profundo que elaborarmos para tentar compreender ou explicar Deus, será incapaz de minimamente contemplá-lo.

Você só tem uma desculpa, príncipe das trevas, é que você não existe!... Pelo menos não é um ser consciente: negação abstrata do ser absoluto, só tem a realidade psíquica e voluntária dada pelos perversos que você encarna. E nas próprias encarnações podemos reconhecê-lo onde estiver pelos caracteres essenciais que são o não-ser, a miséria, a impotência, a tolice, a inveja... Em seus domínios, Satã, nós entramos de cabeça erguida. (página 58).

São essas as importantes palavras do grande Iniciado Stanislas de Guaita.

Que assim caminhem aqueles e aquelas que aspiram à Mestria de Jurema: de cabeça erguida, neste e nos mundos em que conquistarem licença para caminhar. Mas para que possamos erguer nossas cabeças, precisaremos superar a fantasmagoria do orgulho vão que encaminha à prepotência arrogante e ao devaneio megalomaníaco. Tornemo-nos capazes e estejamos prontos para servir ao Propósito dos Senhores Mestres da Jurema Santa e Sagrada.

Capítulo III

NO TEMPO EM QUE CATIMBÓ ERA MALEFÍCIO

Luís da Câmara Cascudo, Mário de Andrade e Roger Bastide, são três grandes referenciais geralmente analisados e citados por todos os pesquisadores que atualmente têm estudado os cultos à Jurema e as demais tradições genericamente classificadas "afro-brasileiras". No entanto, investigadores de menor vulto abordaram, em suas pesquisas, o Catimbó.

Minha intenção, neste capítulo, é transcrever fragmentos oriundos de trabalhos de alguns desses outros estudiosos – observadores atualmente quase esquecidos ou pouco citados. Dois deles parecem ter tido alguma ligação com a Jurema, mas isso não é motivo para exclui-los por completo do rol dos que abordaram cientificamente o assunto – são importantes justamente por terem vivenciado o Catimbó de suas épocas e por elaborarem comentários "estando de dentro" e não como simples observadores que friamente lidaram com "objetos de pesquisa".

Transcreverei de suas obras os fragmentos que considerei mais importantes – apresentando ao leitor, trechos dessas que são algumas das primeiras pesquisas realizadas sobre o assunto. Assim, acredito contribuir com o desenvolvimento de uma visão geral sobre os modos como nossos antecessores vivenciavam, imaginavam e entendiam o Catimbó-Jurema.

Algumas vezes, quando eu sentir ser preciso, desenvolverei comentários escrevendo-os **em negrito** – comentários que devem ser considerados mais doutrinários que acadêmicos. Já que estamos começando a vivenciar uma nova fase dos cultos e ritos juremeiros (período em que vários catimbozeiros sérios vêm se manifestando a favor de um resgate e preservação de nossa Tradição), muita coisa precisa ser esclarecida – e este é um livro que busca mais contribuir com a aspiração à mestria que com o academicismo.

A FORMAÇÃO DO CATIMBÓ, SEGUNDO GONÇALVES FERNANDES

Sigamos com o primeiro pesquisador, que em 1938 escreveu um livro bastante interessante intitulado ***O FOLCLORE MÁGICO DO NORDESTE: usos, costumes, crenças e ofícios mágicos das populações nordestinas*** – o médico, psicólogo e folclorista pernambucano Gonçalves Fernandes (1909-1986). Adaptarei a grafia utilizada na época à dos nossos dias (os títulos de cada trecho são de minha autoria).

bruxas e feiticeiros portugueses de alma judia ou pagã, ligados a Tradições médio-orientais ancestrais; assim como com a vinda de povos ciganos, com suas respectivas crenças e práticas mágico-religiosas – tendo sido esses universos assimilados, relidos e movimentados pela Jurema – foi gestado e gerado o contemporâneo Catimbó dos Senhores Mestres.

Desse "amálgama" grandioso e maravilhoso "foram formados", no Norte e Nordeste do Brasil, os Mestres e Mestras da Jurema que ainda atuam no presente ciclo de cultos juremeiros.

Alguns grandes pajés – os primeiros porta-vozes de nossa Tradição, que atualmente não se manifestam através de médiuns (mas vibram, em planos mais elevados, pelo Bem da Humanidade) identificaram, na ciência e na conduta de certos estrangeiros, aspectos e elementos sublimes que transcendiam as formas e que estavam de acordo com os saberes deste lado do Oceano.

O respeito mútuo e as necessidades forjaram laços fraternos que aproximaram os povos e alianças astrais, espirituais, começaram a se consolidar e manifestar-se neste plano. A partir de então, da grande árvore cujas raízes são indígenas, nasceram ramas multicoloridas, multiculturais. Assim, nos dias de hoje, trabalham um sem fim de pajés, mestres, xerimbabos, entes estrelares, guardiões da floresta, padres e beatas, candomblecistas, ciganos, quimbandeiros, umbandistas e ainda kardecistas – na sintonia, na amplitude, na Força e na Ciência da Jurema. A Jurema os abraçou. Esses seres foram encantados – não ocorrendo o inverso. A Mãe Divina acolheu a todos os seus filhos e filhas.

O nome cauim é de origem indígena. Era a bebida dos pajés. Cada gole de cauim, ou melhor, de cachaça brava com ervas e frutos cheirosos é um passo que o feiticeiro dá para o além. A cada gole a embriaguez toma conta do catimbozeiro e ele entra num estado perfeito a macabras incorporações, a prodigiosas loucuras.

[...]

A embriaguez toma conta dos chefes ou mestres e dos auxiliares, espécies de médiuns secundários. Os mestres vão baixando e os espíritos da caatinga, os rezadores que já aprenderam lá nos reinados a curar feridas e preparar remédios vão encostando e tomando a magia impossível de resistir. Vi quando os mestres enfiavam agulhas em sapos, amarravam morcegos. *Maria do Balaio, bebendo sem parar garrafadas e cauim, rezava espinhela e moleza, até a meia-noite. Zé Pelintra, Zé Malandro, Cabocla Jurema e Maria Redonda bebiam também. Charutos e cachimbos na boca, elas trabalhavam na magia pesada e puxavam rezas antigas, geralmente incompreensíveis. (páginas 21-22).*

benzendo feridas, rezando e praticando a medicina popular e mágica, *que sempre existiu e sempre existirá. (páginas 11-13).*

AS MORADAS DOS MESTRES

Os mestres do espaço habitam reinados no infinito. Doze aldeias fazem um reinado e cada aldeia tem três mestres. Neles, nos reinados infindos, há cidades douradas, florestas verdes e iluminadas, serras cor de prata, onde cantam as jandaias, rios e casas. Os reinados são: Vajucá, Tigre, Canindé, Urubá, Juremal [...], Fundo do Mar [...] *e* Josafá *(influência bíblica). Alguns chamam o reinado do Fundo do Mar por TANEMA, onde Iracema é a rainha e senhora. Os mais maravilhosos são o do Juremal e Vajucá. A população destes reinados é imprevisível. Caiporas e Sacis moram no Jurema [sic.]; Iaras, ondinas, Nanã Gie, ninfas caboclas, santas, como Madalena, moram no Fundo do Mar. Feiticeiros e bruxos habitam Canindé. Tigre é a morada de raizeiros e perigosos mestres.*

Os mestres vivos têm poderes intermináveis, maviosos, mas há uma maneira de perdê-los ou de diminuir esses poderes. É a seguinte: se os mestres praticam sempre o mal, ou são pederastas, ou ladrões, vão se tornando sem as forças espirituais. Os outros catimbozeiros perdem as forças pela mesma razão, afirma o povo sertanejo. [...]. (páginas 17-18).

[...] Há reinos pouco conhecidos.

Reino das Florestas Virgens, Reino da Cidade Santa, Reino do Sol (onde trabalha o espírito de Ciro, que não baixa na Terra, ficando sempre num raio de sol), Reino de Urubá, de Tigre, da COVA DE SALOMÃO, e Ondina.

Nestes reinos, nas cidades encantadas de lá, moram todos os espíritos das caatingas, mestres feiticeiros, bruxos de alpercatas e chapéus de couro. (página 55).

[...] O termo "abrir mesa" é bem conhecido pelos candomblecistas e é oriundo das reuniões antigas, entre os colonos portugueses, em suas terras de origem. Nas aldeias de Portugal, onde os costumes mouros e as reminiscências pagãs formavam o catolicismo popular, era comum "abrir mesa" para invocar falanges do mundo dos mortos. Na ocasião, botavam-se cartas, lia-se pelas linhas da mão, rezava-se para conseguir fortuna.

Como o catimbó nasceu da transposição da bruxaria europeia para o Brasil, logicamente o termo "abrir mesa" foi instintivamente conservado. (página 19).

As atuais manifestações de Catimbó (utilizo "c" maiúsculo quando me refiro ao nome do culto; e "c" minúsculo quando trato de fumaçadas) que conhecemos, não nasceram da transposição da bruxaria europeia para o Brasil – elas têm origem e fundamentos indígenas. Foram sofrendo mudanças à medida que, com a chegada de cristãos (católicos e protestantes) que para cá vieram trazendo africanos de nações distintas; com a presença de magos,

O documento mais remoto que trata sobre feiticeiros na Paraíba, é uma ordem régia do ano de 1740, endereçada ao governador da capitania, onde el-rei ordena informar o caso de uns feiticeiros e índios presos e mortos na vila de Mamanguape, por aquela era, por práticas condenadas pelos poderes espirituais da época. Não há outra nota mais clara ou que elucide melhor, senão as que se referem aos maus tratos sofridos pelo negro nesta região, pela inclemência do clima e do dominador. As secas e os recursos minguados da antiga "capitania de conquista", que lutou contra um conjunto de problemas de solução quase inabordável mesmo para os séculos seguintes, afligiram duramente o negro.

Castigado durante largo tempo de incompreensão e privações contínuas, pouco refeito pelos de sua raça, o negro perdeu a continuidade religiosa na Paraíba. De toda a sua riqueza simbólica ficou a prática do ebó, *hipertrofiado como reação única para efeitos mágicos imediatos, tomando tão necessário era sentido, todo o campo que restava de uma organização mística. Não houve fuga para o culto dos orixás. Que essas fontes de poder dessem mais tarde à vontade do homem a realização do seu desejo: assim cresceu o* ebó, *como poder do bem e do mal, e sobre cujos efeitos não sobrava dúvida, e começou entre as classes dominantes a repressão ou a busca velada à magia fetichista.*

A um ecletismo negro-ameríndio que começou a formar as fontes da larga feitiçaria na Paraíba, juntou-se pouco a pouco a influência de práticas e superstições comuns a povos latinos de origem longínqua, de meio com a católica, dando-nos ofícios conjuratórios especiais até nossos dias.

Catimbó (catimbó tanto é o próprio feitiço – o ebó, *como o ato mágico, o ofício, a casa do catimbozeiro), olhos, bichos assombrados, criaram raízes profundas. A medicina mágica desenvolveu-se com certa cor local ao lado do feitiço, dentro do catimbó. Desse conjunto todo resta-nos através crenças, ofícios mágicos e folclore, um sincretismo a que não são estranhas influências de sistemas cultuais de religiões extintas trazidas com o europeu, em comunhão com o misticismo fetichista do negro e do ameríndio (páginas 07 a 10).*

A essa associação inegável trazida pelo europeu aos elementos do fetichismo gêge-nagô (o ebó é um feitiço de procedência gêge-nagô) saliente-se a influência ameríndia com seus três deuses superiores, o Sol – criador da vida animal; a Lua – criadora dos vegetais; e Perudá ou Rudá – deus do amor, que preside a reprodução da espécie, nesse sincretismo residual que se verifica nos atos mágicos e crenças e costumes dos mestiços do Estado da Paraíba, a que não falta uma nuança espírita. O Sol e a Lua são motivos de veneração e inquietação, por parte dos mesmos. Entre as aparelhagens dos nossos feiticeiros figura o maracá ameríndio e a jurema dos pajés tabajaras, com que embriagam as gentes para melhor encenar as práticas. Outras ervas estupefacientes como a Maconha, de origem africana, muito raramente são usadas na Paraíba, e quando isso acontece é por parte de gente de Pernambuco ou de Alagoas (consegui localizar na estrada de Santa Rita a casa de uma velha conhecida pelo nome de Paraense, que cultivava muito a oculta o cânhamo indiano, para um círculo muito limitado de conhecedores. Um deles foi internado em condições singulares no Hospital Colônia Moreira e verifiquei tratar-se de maconhismo. Passado o efeito da erva, levou a mim e ao colega de serviço, dr. Onildo Leal à casa da negra Paraense. Mas ela fechou-se em copas, pensando que se tratava da polícia, negou de pés juntos e, sem a sua ajuda, não identificamos o local de sua plantação oculta nos matos).

A respeito do homem do sertão escreve Celso Mariz: "O sertanejo com sua religião disforme, cheia de grosseiros fetichismos, diz-se católico. Incapaz de apreender as abstrações mais sutis e mais puras da grande criação de Jesus Cristo, nesse particular o que lhe vibra na alma é um caos em cuja escuridão ele caminha entontecido". "Acredita na bondade de Deus, mas pede-lhe que facilite uma vingança, um mal premeditado; confia no voto feito à Maria Santíssima para a cura de sua erisipela, mas procura, evitando dúvidas, a ciência do feiticeiro mais próximo; ama o trabalho e a humildade que o Senhor nos ensina, mas bate o menor pelo esquecimento de uma vênia e em noites de S. João vende ao diabo a pobre alma repleta de pecados" (páginas 12 a 15).

O CATIMBÓ NA PARAÍBA E EM PERNAMBUCO

Nos arrabaldes da Paraíba, Jaguaribe, Torre, Ilha do Bispo, e fora de portas, como na estrada de Santa Rita e no Acais, abrigadas em mocambos de lata e capim, outros melhores de taipa e telha de barro, ainda algumas em boas casas de alvenaria, as mesas *de catimbó servem à clientela crédula. Maria do Acais, recentemente falecida no chalé à beira da estrada de João Pessoa-Recife, confronte a sua capela cheia de santos bonitos, no seu sítio imenso, gozou de um prestígio considerável que impunha sua reputação de grande catimbozeira. De Pernambuco ao Estado da Paraíba, chegava ali gente de toda a espécie para pagar com bom dinheiro o "serviço" desejado. Este variava dos casos encrencados de amor e negócio, à cura de todas as doenças físicas e mentais...*

Aquela outra, Joana Pé de Chita, fez viver belos dias seu mocambo bem revestido da estrada de Santa Rita, e em toda a redondeza não há quem se esqueça da feiticeira morta. Ao lado esquerdo de quem entra na vila, mora uma filha da finada. É uma mulata alta, de cara bexigosa, surda e de fala difícil. Conserva com religiosidade o altar de sua mãe, uma cômoda forrada com panos bordados, com um vasto santuário com imagens de santos católicos dos mais diversos tamanhos, vendo-se entre eles ainda uma espécie de águia, enquanto sobre os panos quanta coisa possa existir, frascos com rosas, jarros, retratos (entre os quais o da catimbozeira no seu leito de morte), postais, estatuetas, cartas, castiçais e estampas emolduradas. Parecia a mesa do Xangô de Caboclo de Caetana, no Recife. A filha de Joana Pé de Chita não exerce o Catimbó, conservando os trastes da velha por amor à sua memória.

Conversando, em sessão de Umbanda, no Terreiro de Umbanda Ogum Odé, em Natal/RN, com a Mestra Joana Pé de Chita, ela me disse que era de Mossoró, Rio Grande do Norte; entretanto, era "rodada" – passou por diversos lugares, quando esteve em matéria.

Maria do Acais era uma feiticeira notável, enriquecida, de modos de grande senhora. A sua técnica mágica, todavia, não era diferente dessa de todo o dia das outras mesas. *Mas as suas sessões eram muito fechadas, e o que fazia para todo o mundo eram trabalhos encomendados e que realizava sem assistência, no recesso do seu pequeno templo, defronte do chalé.*

Vendo o Catimbó, duma maneira geral, o aparato consiste na mesa estreita, forrada ou não, onde se misturam garrafas de jurema, cachimbos, novelos de linha, agulhas, botões, imagens de santos,

catimbozeiros em suas práticas macabras, em suas mesas, *com chaves encantadas e cachimbos fumacentos.*

O termo "catimbó" é de origem indígena. O uso ritual de fumaças e defumações, entretanto, não é exclusivo do ameríndio: negros e europeus também queimavam ervas, fazendo uso de fumaças especiais para fins determinados. Nas igrejas ocidentais e templos orientais, por exemplo, o costume do incenso durante os cultos não deixa de ser uma prática análoga ou semelhante ao catimbó dos juremeiros – desde que as resinas sejam naturais. Proponho o estudo da pesquisa do Mestre Rosacruz Arnold Krumm-Heller, *Do Incenso à Osmoterapia*, para um maior vislumbre do uso de aromas e defumações entre vários povos do mundo.

Ainda assim, os nativos do Nordeste brasileiro parecem ter desenvolvido a técnica de modo bem mais apurado que os membros de outras sociedades, tornando-a uso contínuo, milenar. Desde as eras em que os Tapuia no Nordeste eram senhores, antes dos Tupi para cá migrarem, o Catimbó e a Jurema estão presentes – como colunas de práticas muito antigas.

De onde vem essa Ciência?

Os primeiros povos do Nordeste e Norte do Brasil estabeleceram contatos e conexões em grau muito profundo com entidades espirituais dos Sete Reinos da Mãe Natureza, acessando e transmitindo a Sabedoria de Seres elevadíssimos do conjunto de Planos vibracionais que comumente chamamos "Encanto" – em uma época na qual a Humanidade não era tão cheia de egolatria e maldade (nem se encontrava absorta em tanto lixo cultural). Esses Seres são guardiões de uma Ciência que antecede a presença Humana na face da Terra. Embora todo o saber universal tenha sido depositado, em síntese, em cada indivíduo (imagem e semelhança de Deus), disso estamos esquecidos. À medida que um homem ou mulher se torna capaz de manter contatos (dentro de devido preparo e reverência) conscientes com os Encantados e Mestres, acende dentro de si centelhas de Luz que contribuem com a conquista da Gnose que o ajudará a recobrar a lembrança do que ele (ou ela) realmente é.

Orações fortes, preparação de amuletos, *invocações e exorcismos são constantes no bruxedo do sertão. [...].*

As invocações chamam os Mestres do Além para "baixarem" e trazerem cura e boa sorte para os homens. Ao baixar das entidades invocadas são entoadas suas "linhas", ou melodias particulares e características de cada Mestre, e que revelam sua vida terrena.

Os mestres são famosos e conhecidos. Quando a medicina falha, ou o poder aquisitivo dos sertanejos não permite que consultem médicos, lá estão os catimbozeiros, receitando ervas, preceitos,

O catimbó não aceita mudanças, não dispensa os amuletos, os filtros para seduzir homens e mulheres e as práticas macabras.

Em dez anos de pesquisas de campo, não encontrei o uso dos filtros para sedução. Quanto às práticas macabras, pude observá-las ao menos em duas casas.

Rezadeiras, mestres de orações fortes, curandeiros, raizeiros, são os personagens dos exorcismos do catimbó [...]. (páginas 07 e 08).

Os mestres podem reunir esses e outros papéis. São depositários e herdeiros da ciência de índios, europeus e africanos: curam com raízes e rezas, realizam partos, etc.

[...] O catimbó praticado no nordeste é bem diferente do candomblé, do Xangô e da Umbanda.

Não possui, como nos cultos acima referidos, uma hierarquia sacerdotal, ou uma iniciação. Não há também vestimentas especiais, nem instrumentos sagrados, a não ser o maracá, *usado pelos mestres, exatamente como o faziam os pajés das tribos brasileiras. O maracá é um objeto sacro, indispensável ao rito da "fumaça", ou melhor, à sessão coletiva.*

É claro que há iniciações na Jurema – o que não existe é um rito ou caminho exclusivo, modelo, padrão, com prazo determinado para começar e acabar, obrigatório a todas as casas e pessoas.

Outro objeto importantíssimo é o cachimbo ou marca, *usado pelos Mestres do Além para defumar e trabalhar na magia. O catimbozeiro sopra pelo fornilho, dirigindo o fumo pelo tubo. Este trabalho é chamado [...] de fumaça. Qualquer fumaça para o bem ou* fumaça às direitas *deve ser feito as segundas, quartas e sextas. E, para o mal, ou* fumaça às esquerdas, *as terças, quintas e sábados. Aos domingos não é dia de catimbó, pois, afirmam os catimbozeiros, é o dia de descanso dos Mestres dos Reinos Encantados.*

Não existe dia no qual não se possa fazer o bem, inclusive, aos domingos. Quanto ao mal, não deve ser praticado jamais. Ouvi uma única vez de certa mestra canguaretamense a afirmação de que aos domingos os Mestres descansam. Outra mestra, do Centro Mestre Pena Branca e Estrela do Mar, afirmou apenas que não abria mesa aos domingos porque ela mesma precisava descansar.

O mestre é o chefe do catimbó [...]. O catimbó nasceu no século XVI, quando veio da Europa a prática de Magia Negra, trazida pelos colonos portugueses acostumados a um catolicismo mesclado de crendices, de restos de religiões pagãs. O Santo Ofício, na Bahia, no ano de 1591, já denunciava esta prática chamando os que dela participavam de "filhos do Diabo", bruxos, feiticeiros. Em Pernambuco, mais ou menos por volta de 1600, também os sacerdotes inquisidores descobriram os

principalmente um crucifixo, amarrados de cordões e fitas, pequenos alguidares, maracás, bonecas de pano, cururus secos, fumo de rolo, etc. Muitos usam o alguidar sobre brasas ao pé da mesa, fervendo raízes ou ervas. A sessão tem início com a abertura da mesa feita em invocações cantadas, as velas acesas. Distribuem entre os presentes a jurema. O ritual que se segue varia com o fim mágico desejado. Começam a invocação aos Mestres (há vários mestres: *Mestre Espiridião, Mestre Carlos, muitos outros) com as toadas cantadas em coro. Dessas apanhei a seguinte:*

Doutra banda do rio Jordão
Doutra banda do rio Jordão
Doutra banda do rio Jordão
Tem um pé de angico seco!

Angico seco será?
Angico seco será?
Angico se-co será!

(solo da catimbozeira) Chega meus compadres!
(para a auxiliar) Mexe-lhe nos coentros!
Mexe-lhes nos coentros!

Na panela, na água fervente, por cima da trempe, mexe com uma colher de pau a erva coentro, a catimbozeira auxiliar. Nessa invocação, presumida a chegada dos compadres, *que são entidades espirituais que presidem o sortilégio, faz-se o pedido desejado, cumprindo-lhes então dar contas da tarefa. Antes do peditório, porém, foi a pessoa defumada e preparada com rezas e defumatórios. A catimbozeira defuma soprando com a boca no recipiente do fumo do cachimbo, para que a fumaça saia pela boquilha.*

[...]

Abordar mesa *de Catimbó, mesmo das mais conhecidas, sem a fiança da pessoa de dentro, é tempo perdido. A ação repressiva da polícia faz com que retraiam as reuniões. Assim mesmo, de tempo em tempo, o noticiário de jornal* registra *catimbó surpreendido. O jornal "A Imprensa", de João Pessoa, de 29 de setembro de 1937, noticiava:*

"... Acompanhado dos soldados Francisco Catarino, João Felício e Francisco Caldino, o comandante do destacamento surpreendeu João Inocêncio da Costa e Joana Amorim cercados de mais de quarenta pessoas fazendo "macumba". Lá estavam em volta de uma pequena mesa onde velas ardiam e se encontravam uma garrafa de aguardente, três cachimbos, um sapo seco com a boca costurada, um novelo de linha enfiado num couro de cobra, uma mochila cheia de terra de cemitério e um grande galho de jurema. A presença da polícia ocasionou grande pânico, tendo sido possível prender somente dez pessoas. A polícia prossegue nas diligências para apanhar outros núcleos de feitiço".

Em Mumbuca, perto de Mulungu, concentra-se grande número de catimbozeios. A senhorita Maria Amélia Pequeno, minha colaboradora, teve oportunidade de observar para mim em Mumbuca, uma mesa *de catimbó em ação. Na casa do catimbozeiro, construída em massapé, na sala dos fundos, espécie de sala-de-comer, estava no chão, ao centro, uma toalha de algodão quadriculada. Tinha no meio um crucifixo pequeno e ao redor pratos fundos cheios de fumo picado, alternados com castiçais grosseiros com velas acesas. Todos ao redor da "mesa" [...] inicia o catimbozeiro a sessão. Para isso apanha, muito solene, abaixando-se, o crucifixo. Ergue-o no ar, elevando-o por cima da cabeça, baixando as mãos depois até a altura da tes*ta. *Benze-se assim de crucifixo na mão, mas só da testa para o nariz, num "em nome do Padre" incompleto e abreviado. Isto feito vai começar o ritual de abertura de* mesa *[...].*

Aberta a mesa, *acende os cachimbos e entra a defumar todos os presentes, para afastar os* maus, *os encostos, e qualquer* mal encausado. *Defuma soprando fumaça dos pés à cabeça das pessoas, invertendo a posição de uso do cachimbo. Defuma e depois cicia após cada baforada, palavras incompreensíveis e tão apressadamente que não se as pode gravar. Terminado o ofício defumatório, ato mágico com finalidade protetora individual, torna a cantar, agora o "fecha mesa", muito parecido com o cântico de abertura. Esta sessão é de tipo puramente defensivo e tem muita voga, fazendo-se com grande número de presentes.*

[...]

No catimbó cultuam o poder de gênios – os Mestres, *mestre Espirauá, mestre Carlos ("rei dos mestres, aprendeu sem se ensinar, reina no fogo, na terra, no céu e no mar..."), mestre Espiridião, etc., como o de demônios: Belzebu, Urubatan, etc. Os "mestres" seriam os espíritos de grandes catimbozeiros mortos, que presidem os ofícios conjuratórios,* reinando *sobre os elementos naturais e de poder de obediência entre os demônios, aos quais deveriam manejar para fins hostis individuais. Assim como usam os santos em ação mágica protetora ou curativa, os catimbozeiros empregam gênios inquietantes nos processos de finalidade agressiva, usando ambos, santos e demônios em mágicas outras que tenham objeto de lucro, ou poder, ou solução de situações sentimentais (páginas 85 a 92).*

No Evangelho cristão, os demônios obedecem a todas as ordens de Jesus – o Cristo. De modo análogo, os magos modernos (como fica claro no clássico *Magus*, de Francis Barret) possuíam técnicas através das quais ordenavam aos demônios. Podemos, então, estabelecer diferenças entre: MAGO – o indivíduo capaz de manipular os quatro elementos (inclusive em seus aspectos espirituais) e outras ordens de forças, através da conjugação conhecimento-vontade-amor, para fins benéficos. A elevação moral, o desenvolvimento espiritual (a Fé) e a Vontade do Mago, dão à sua palavra, aos seus atos e pensamentos, a Força necessária para expulsar entidades perversas e debelar o mal. MAGO MALIGNO – indivíduo possuidor de uma vontade bastante desenvolvida e uma ciência mágica relativamente profunda, mas que, por falta de AMOR, é incapaz de adentrar os Mistérios Maiores; manipula aspectos inferiores dos quatro elementos e ordena ou faz negócios com determinada

em terreiros da Paraíba, de Pernambuco e do Pará. Acredito que esse homem foi (ou é), se não catimbozeiro, um grande simpatizante da feitiçaria cabocla.

Segundo Severino Cavalcante, o Catimbó nasceu com a vinda da Bruxaria e da magia maligna europeia ao Brasil. Os catimbozeiros são sertanejos do nordeste brasileiro – "magos caboclos, feiticeiros mulatos"; e o Catimbó, um culto irracional, atrasadíssimo, no qual se praticam a magia e a feitiçaria pagã e milenar e se manifestam espíritos atrasados, mas que possuí folclórica e mágica beleza. Além disso, no Catimbó não há, segundo Cavalcante, nem doutrina, nem filosofia cristã.

Vejamos trechos de seu opúsculo:

O catimbó é a mais antiga prática de feitiçaria secreta no Brasil.

Pouco conhecido pelo grande público, que tem acesso à Umbanda e ao Candomblé, o catimbó mantem-se fechado, indiferente ao sincretismo religioso, aos novos mitos e tabus.

Essa afirmação de que o Catimbó se mantém indiferente ao sincretismo religioso, atualmente se faz incoerente: há candomblecistas que praticam catimbó quando se faz necessário (os Mestres da Jurema, em alguns ilês, são considerados espíritos da linha de Exu); a Jurema e a Fumaça são elementos muito presentes na Umbanda nordestina; além disso, poucos são os juremeiros que, ao menos no Rio Grande do Norte, não trabalham traçando ou estabelecendo paralelos entre a Jurema e o Candomblé ou a Jurema e a Umbanda.

Na tradição popular, catimbó significa cachimbo, objeto indispensável ao funcionamento da "mesa", isto é, da sessão coletiva.

Os catimbozeiros são marginalizados, verdadeiros bruxos antigos, vivendo, em nossa era, nos sertões nordestinos.

Nas noites de lua, ocultos em suas palhoças sertanejas, os catimbozeiros sopram suas "fumaças", isto é, dão seguimento às práticas mágicas e primitivas exatamente iguais às que faziam no século XVI, pela transplantação da Magia Negra europeia às terras brasileiras.

Uma observação se faz necessária: o termo "magia negra" é utilizado por Severino Cavalcante e por outros pesquisadores, com o significado de magia maligna. O correto seria utilizá-lo quando nos referíssemos à Magia dos povos africanos, liberando a expressão de qualquer aspecto racista. Entre europeus, africanos e índios brasileiros, existiram os tipos universais de praticantes de Magia e Feitiçaria Benéfica e Magia e Feitiçaria Maléfica.

Era mesmo, talvez, quem poderia saber? Uma consequencia lógica do acervo de maldades acumuladas, anciosas pelo fechamento do ciclo de uma vida longa onde qualquer manifestação esporádica de um sentimento bom, via-se em breve sufocada em holocausto; maldades também anciando repouso...

Ou seria aquilo, prova rudemente ascética, uma exteriorização inconsciente da luta em que atavismos seculares no seu espírito estribuchassem e bramissem extertorados e vencidos pela humildade cristã que tem no perdão a mais elevadas [sic.] das suas expressões?

Ao finito jamais chegará a plena compreensão do infinito!

Um nevoeiro de inverno abrupto, passava no ar seco de verão escaldante, ameaçando desfazer-se em chuva.

Mas, as atenções voltadas para a velha, quase não o notavam.

Ela começara da porta principal, dobrara o oitão sul e estava a vence-lo, quando igneo zig-zag corta o espaço no mesmo instante em que o ribombo de um trovão de Dezembro, estalado no alto assinalava a queda duma faísca que, resvaladia, esbarrondando a cornija, fendeu a parede e estrepitosamente foi abrir a terra, o próprio local em que a velha se achava, fulminando-a.

– Castigo! Castigo!

Era a voz geral (páginas 244-246).

O estereótipo do catimbozeiro como um mau elemento, aliás, como uma criatura terrível, plena de maldade – perturbada a ponto de sacrificar-se em promessas cujos pedidos nada mais são que a morte ou o prejuízo de terceiros – está bem representado na velha "megera" Billuca. A verdade é que muitos mestres de Catimbó de antanho alimentaram essa imagem tosca com suas práticas vingativas e maléficas nascidas ou implantadas durante o processo colonial.

O CATIMBÓ-BRUXEDO DE SEVERINO CAVALCANTE

Sigamos comentando o trabalho de mais um pesquisador: Severino Cavalcante. Não encontrei nenhum dado biográfico sobre Severino. Seu livro de 95 páginas, publicado pela editora Eco, até pouco tempo era muito difícil de se encontrar. Possuo uma terceira edição provavelmente lançada na década de 1970. ***Feitiços do Catimbó*** é o título de sua simples, mas muito interessante, pesquisa – embora em alguns momentos seu texto me soe um tanto fantástico ou absurdo. Cavalcante realizou investigações

linha de espíritos (genericamente chamados "demônios"), seja para fins pessoais ou em prejuízo de terceiros. Quando há devotamento ou íntima ligação com entidades do astral inferior, o mago maligno se aproxima de certos tipos de FEITICEIROS – veículos de entidades perversas, com as quais aprendem "magias" à medida que as servem.

UM TRABALHO "ÀS ESQUERDAS"

"Trabalho às esquerdas" ou "fumaça às esquerdas" é como boa parte dos juremeiros classifica as atividades mágicas vingativas ou voltadas à prática deliberada da maldade. Outros termos que encontrei com os mesmos significados foram "contra axé" e "fumaça da contra". Essa última forma de "fumaça" ocorre quando um mestre sente que está sendo ameaçado ou atacado por algo ou alguém e lhe manda uma descarga – seja para cortar as forças de quem o tenta atingir, seja para devolver-lhe o mal, seja para anular o malefício (para ampliar um pouco mais as noções sobre "direita" e "esquerda" dentro da Ciência da Jurema, proponho o estudo do opúsculo que organizei, intitulado *FUMAÇA DE MATO: 15 recados de um aspirante a catimbozeiro*).

Vejamos como ocorria uma dessas mesas "às esquerdas", na primeira metade do século XX:

Entre as consultas de ambulatório do Hospital-Colônia Juliano Moreira, apareceu-me no dia 2 de dezembro de 1937, o popular Amaro F. dos S., morador à rua do Cardoso n° 55. Ele se queixava de um catimbó que lhe puseram na mulher. Antes já tinham deixado junto à porta de sua casa uma trouxa de "terra de defunto", que dá atraso. Mas este malefício foi afastado em tempo por um "médium" seu conhecido. Agora, porém, a coisa era mais grave: "eram fumaçadas de bodejado que tinham botado na esposa". Ela de boa que era, vivia triste, transtornada. Queixava-se da catimbozeira Etelvina Minervina, moradora da rua Carneiro da Cunha, casa 614, e que, afirmava, já tinha causado muita doença-botada e muita morte...

Contou que a catimbozeira fazia a "mesa" depois da meia noite e que antes já tinha visto sessão: Minervina sentava-se num tamborete com um Santo-Heleno da Cruz da Altura (chamam ao crucifixo Santo-Heleno, corruptela de Santo Lenho), nome de crucifixo na linguagem dos catimbozeiros, por debaixo. Acendia quatro velas nos quatro cantos da sala e abria a "mesa" com a cantoria:

Abre-te portas
Abre-te janelas
Abre-te portas
Das cidades belas
Abre-te portas
Do Juremá

Abre-te portas
Que dão para o má.

Torcia uma chave misteriosa no espaço por três vezes, e invocava o Diabo Manquinho, Maria Padilha, rainha do inferno, e Lucifer, seu imperador, fazendo fumaçadas do cachimbo para o lado do coração e marcando a "bodejada" (chamam assim a invocação do bode, *que seria o próprio demônio travestido do bicho) com um pequeno maracá. Essas invocações faziam a chegada dos encantos que ela manejava de acordo com os convênios estabelecidos por consultas ou os pedidos feitos mesmo na ocasião.*

Aqui notamos uma reminiscência de moderna crença europeia, largamente difundida por igrejas católica e protestantes, que tanto marcou os casos de "bruxaria" investigados pela Inquisição: o Diabo, nos encontros sabáticos supostamente realizados pelas bruxas, assumia a forma de bode.

A mulher foi trazida ao hospital e internada para tratamento. Era uma melancólica (páginas 110 a 112).

Perceba, caro leitor, que os símbolos considerados sagrados por índios e mestres, nesse tipo de sessão são utilizados às avessas. O maracá, que ao ser tocado por um pajé envia para longe os maus espíritos ou invoca as boas entidades, é utilizado para ritmar a invocação de demônios – o trabalho de esquerda aqui é chamado "bodejada" em referência à entidade infernal que há séculos vinha sendo pintada e imaginada com forma de bode. A toada de abertura, também, na qual a mestra pede para que sejam abertas as portas do Juremá (que é um Santo Reino do Astral Superior), na verdade funciona como uma abertura dos portais do astral mais obscuro. Como isso acontece?

O segredo está no íntimo da feiticeira, em seu coração, em suas intenções e em sua capacidade de concentração. Pouco importa o que ela pronuncie ou balbucie ou cante. Cheia de más intenções, quanto mais contraditório e aparentemente sem sentido for o rito, mais ela encontrará condições de trabalhar e entrar em sintonia com entidades ou forças sutis desequilibradas, desreguladas, caóticas. Semelhante atrai semelhante. Acrescente-se em um trabalho desses um grupo de pessoas mal-intencionadas que acredite na existência do Diabo, e todo o inferno em pouco tempo se fará presente... Análogo ao que ocorre em determinadas igrejas "evangélicas".

A FEITICEIRA BILLUCA

Em 1929 foi publicado, na Parahyba do Norte, o primeiro livro sobre o cangaço – intitulado ***Cangaceiros do Nordeste*** – de autoria de Pedro Baptista. O livro,

republicado em 2011 por Sebo Vermelho Edições, traça em conto dramático a história do Cangaço, desde a primeira metade do século XVIII ao início do século XX.

No conto, além de citações a respeito de cangaceiros famosos (Cabeleira, Jesuíno Brilhante, dentre outros), uma personagem interessante aparece ao lado dos perversos assassinos membros da *Família Terrível*: uma velha catimbozeira de nome Billuca.

Não sabemos se essa criatura existiu, como de fato existiram os citados precursores de Lampião presentes no livro. Entretanto, o modo como Pedro Baptista descreve a catimbozeira e suas artimanhas, nos serve de exemplo de como intelectuais nordestinos da primeira metade do século XX imaginavam os praticantes de Catimbó.

Vejamos, então, a "*velha Billuca, tipo horripilante de megera catimbozeira, que morava num casebre coberto de folhas de cravatá-assu, no ângulo extremo da rua*" (página 31).

"*Diligências sucessivas pelas cercanias davam capa aos perseguidos dos* Terríveis. *Numa dessas sortidas foi surpreendido o indiciado Ludgero que pagou com a vida o serviço que fizera, por ajuste, com a velha Billuca. E, para que ele não viesse contar na Vila as peripécias desse ajuste e outras pequenas particularidades que ao mesmo se prendiam, recebeu, ao morrer, profundo golpe que lhe dilacerou o tora. Uma orelha foi cortada e levada para que a velha a conservasse no sal...* (página 241).

"*A velha Billuca, no dia seguinte, saiu para o Teixeira, destinada a pagar uma promessa que fizera a Santa Maria Magdalena, pela graça alcançada com a morte de Liberato, tantas e tantas vezes pedida!*

Promessa asceticamente bárbara, cujo cumprimento refletia e expunha aos olhos de todos, a crueldade do seu coração e o fanatismo execrável do seu espírito.

De joelhos, teria ela que rodear a igreja, recitando o rozário, em alta voz!

E assim cumpria.

O sol duma tarde abafadiça e quente reverberava nas pedras da rua, na cal das paredes e no tauá dos barrancos, atanazando a vista.

A megera, começando aquela devoção esquisita atraía os olhares de alguns raros transeuntes e dos moradores, em torno do templo. Atentos lhe iam seguindo num como êxtase de terror e a sua voz, voz rouquenha de penitente, fazia eco no silêncio da tarde.

– Enlouqueceu! Queriam uns.

– Está arrependida! Pensavam outros.

E ela continuava rezando, rezando!